

Oscar Wilde
A IMPORTÂNCIA DE
SER EARNEST
E OUTRAS PEÇAS



RELÓGIO D'ÁGUA

A IMPORTÂNCIA DE SER EARNEST

comédia trivial para gente séria

representada pela primeira vez em 14 de Fevereiro de 1895,
no St. James's Theatre, Londres



(Na sua versão original, *The Importance of Being Earnest* tinha quatro actos. Aqui publica-se na versão final que Oscar Wilde dela fez, em três actos, em geral considerada mais bem conseguida.)

A tradução do título da peça tem gerado controvérsia um pouco por todo o lado. Em português, António Pedro optou por "Quanto Importa Ser Leal" e Januário Leite por "A Importância de Ser Severo".

Nesta edição decidiu-se manter *Earnest* por ser impossível captar em português as intenções de Wilde, pelo menos como são apresentadas, de modo plausível, por Harold Bloom em *Como Ler e Porquê*:

«A importância de se chamar Ernest (o nome que Gwendolen e Cecily desejam para o marido), como Wilde sabe mas não nos dirá, é que Ernest (ou Earnest) faz referência à raiz indo-europeia *er-*, que significa dar origem. Ser earnest é ser original, uma fórmula nonsense que Wilde aproveita com argúcia, porque a originalidade normalmente é alheia ao seu génio. Nenhuma personagem em Earnest é original: todas elas são sublimemente irreverentes, mas sempre de uma forma tradicional. No entanto a peça é marcada por uma única originalidade.» — N. E.

CENAS DA PEÇA

PRIMEIRO ACTO: Residência de Algernon Moncrieff, na Rua
Half Moon.

SEGUNDO ACTO: Jardim da Manor House, Woolton.

TERCEIRO ACTO: Sala de visitas da mesma.

ÉPOCA: Actualidade.

LUGAR: Londres.

PERSONAGENS

John Worthing, *juiz de paz*

Algemon Moncrieff

Rev. Cónego Chasuble, *doutor em teologia*

Lady Bracknell

Miss Prism, *preceptora*

Hon. Gwendolen Fairfax

Cecily Cardew

Lane, *criado*

Merriman, *mordomo*

PRIMEIRO ACTO

Cena: sala de manhã na residência de Algernon, Rua Half Moon. A sala está luxuosa e artisticamente mobiliada. Ouve-se o piano na sala contígua.

Lane está a pôr o chá na mesa, e depois de cessar a música, entra Algernon.

ALGERNON — Ouviste o que eu estava a tocar, Lane?

LANE — Achei que não era delicado estar a escutar, senhor.

ALGERNON — Lamento, por amor de ti. Não toco lá com toda a correcção — com toda a correcção qualquer um pode tocar — mas loco com uma expressão admirável. Tratando-se de piano, o meu forte é o sentimento. A ciência, reservo-a para a vida.

LANE — Sim, senhor.

ALGERNON — E, falando da ciência da vida, já mandaste cortar as sanduíches de pepino para Lady Bracknell?

LANE — Já, sim, senhor. *(Apresenta-lhas numa salva.)*

ALGERNON *(examina-as, pega em duas e senta-se no sofá)* — Oh... a propósito, Lane, vejo pelo teu livro que na quinta-feira à noite, quando Lord Shoreman e o senhor Worthing jantararam comigo, se gastaram oito garrafas de champanhe.

LANE — Sim, senhor, oito garrafas e meia.

ALGERNON — Porque é que em casa de um homem solteiro os criados bebem invariavelmente champanhe? Pergunto apenas a título de informação.

LANE — Atribuo isso à superior qualidade do vinho, senhor. Tenho muitas vezes observado que nas casas de pessoas casadas é raro o champanhe ser de primeira qualidade.

ALGERSON — Deus do céu! O casamento é assim tão demoralizador?

LANE — Creio que é um estado muito agradável, senhor. Tenho tido até agora muito pouca prática. Só casei uma vez. Foi em consequência de um mal-entendido entre mim e uma pessoa.

ALGERSON (*langüidamente*) — Não creio que me interesse muito a tua vida familiar, Lane.

LANE — Não, senhor, não é assunto que interesse. É coisa em que eu nunca penso.

ALGERSON — Naturalíssimo, tenho a certeza. Está bem, Lane, obrigado.

LANE — Obrigado, senhor. (*Sai Lane.*)

ALGERSON — As ideias do Lane sobre o casamento são bastante frouxas. Realmente, se as classes baixas não nos dão bons exemplos, para que diabo servem elas? Parece, como classe, não terem absolutamente noção nenhuma de responsabilidade moral. (*Entra Lane.*)

LANE — O senhor Ernest Worthing. (*Entra John. Sai Lane.*)

ALGERSON — Como estás, meu caro Earnest? Que é que te traz à cidade?

JOHN — Oh, o prazer, o prazer! Que outra coisa leva alguém a algum lado? Vejo, como de costume, a comer, Algy!

ALGERSON (*empertiguadamente*) — Creio que é costume na boa sociedade ter uma refeição ligeira às cinco horas. Por onde tens andado desde quinta-feira?

JOHN (*sentando-se no sofá*) — Tenho estado no campo.

ALGERSON — Que diabo fazes lá?

JOHN (*abalalhando as lavas*) — Quando se está na cidade, divertimo-nos. Quando se está no campo, divertimos os outros. É aborrecido ao máximo.

ALGERSON — E quem é que tu divertes?

JOHN (*desarradamente*) — Oh, os vizinhos, os vizinhos.

ALGERSON — Tens bons vizinhos lá em Shropshire?

JOHN — Horríveis! Nunca falo a nenhum.

ALGERSON — Como os deves divertir imenso! (*Vai buscar sanduíches.*) A propósito, o teu condado é Shropshire, não é?

JOHN — Oh? Shropshire? É claro. Olá! Porquê todas estas chávénas? Sanduíches de pepino? Porquê tão desatinada extravagância num rapaz tão novo? Quem vem cá tomar chá?

ALGERSON — Oh! Simplesmente a tia Augusta e a Gwendolen.

JOHN — Que delicioso!

ALGERSON — Sim, está tudo muito bem, mas receio que a tia Augusta não concorde com a tua presença aqui.

JOHN — Posso perguntar porquê?

ALGERSON — Meu caro, o namoro que fazes à Gwendolen é indecente. É quase tão mau como o namoro que ela te faz.

JOHN — Eu gosto imenso da Gwendolen. Vim de propósito à cidade para lhe propor casamento.

ALGERSON — Pensava que tinhas vindo por prazer... Chamo a isso negócios.

JOHN — Não há nada de romântico em ti!

ALGERSON — Realmente, não vejo nada de romântico em um homem propor casamento. É muito romântico estar apaixonado. Mas não há romantismo nenhum numa proposta de casamento. Ora, essa pode ser aceite. É-o geralmente, creio. E então, lá se vai toda a excitação. A verdadeira essência do romance é a incerteza. Se um dia eu me casar, hei-de com certeza fazer por me esquecer do facto.

JOHN — Não tenho dúvida nenhuma acerca disso, meu caro Algy. O Tribunal do Divórcio foi especialmente inventado para as pessoas cujas memórias são assim tão curiosamente constituídas.

ALGERSON — Oh! e de nada serve esmugar o assunto. Os divórcios são feitos no céu... (*John estende a mão para pegar numa sanduíche. Algeron intervém imediatamente.*) Faz o favor, não toques nas sanduíches de pepino. Foram mandadas fazer especialmente para a tia Augusta. (*Tira uma e come-a.*)

JOHN — Mas tu tens estado sempre a comê-las.

ALGERSON — Isso é uma questão completamente diferente. É minha tia. (*Pega num prato.*) Serve-te de pão com manteiga. O pão com manteiga é para a Gwendolen. A Gwendolen dedicou-se ao pão com manteiga.

JOHN (*aproximando-se da mesa e servindo-se*) — E que esplêndido pão com manteiga!

ALGERSON — Bem, meu caro, não precisas de comer como se fosses comê-lo todo. Procedes como se já estivesses casado com ela. Ainda não casaste, nem me parece que venhas a casar.

JOHN — Por que dizes isso?

ALGERSON — Bem, em primeiro lugar as raparigas nunca se casam com os homens com quem namoram. Não acham isso bem.

JOHN — Oh, que disparate!

ALGERSON — Não é. É uma grande verdade. Explica o extraordinário número de solteiros que se vêem por aí. Em segundo lugar, não dou o meu consentimento.

JOHN — O teu consentimento! Que absoluto disparate estás para aí a dizer!

ALGERSON — Meu caro, a Gwendolen é minha prima. É antes que eu te deixe casar com ela, terás de esclarecer o caso da Cecily. (*Toça a campainha.*)

JOHN — Cecily! Que diabo significa isso? Que queres tu dizer, Algy, com esse nome? Não conheço nenhuma Cecily. (*Entra Lane.*)

ALGERSON — Traz-me aquela cigarreira que o senhor Worthing deixou na sala de fumo a última vez que cá jantou.

LANE — Sim, senhor. (*Sai Lane.*)

JOHN — Queres dizer que ficaste com a minha cigarreira todo este tempo? Devias ter-mo dito. Fizerei cartas desesperadas à polícia. Estive quase a oferecer uma grande recompensa.

ALGERSON — Bem, podias oferecê-la a mim. Dá-se o caso de me encontrar mais depenado do que de costume.

JOHN — Não vale a pena oferecer uma grande recompensa agora que a cigarreira apareceu. (*Entra Lane com uma cigarreira numa salva.* *Algernon pega nela imediatamente.* *Sai Lane.*)

ALGERSON — Parece-me um tanto mesquinho da tua parte, Earnest, devo dizer. (*Abre a cigarreira e examina-a.*) Contudo, não importa, pois agora que eu reparo no que está gravado aqui dentro, vejo que afinal de contas não é tua.

JOHN — É claro que é minha. (*Aproximando-se.*) Viste-me com ela centenas de vezes, e não tens direito absolutamente algum de ler o que está escrito lá dentro. É uma falta de delicadeza ler o que está escrito no interior de uma cigarreira.

ALGERSON — Oh! É absurdo fixar regras rígidas sobre o que se deve e o que não se deve ler. Mais de metade da cultura moderna depende do que não se deve ler.

JOHN — Sei isso perfeitamente, e não pretendo discutir a cultura moderna. Não é assunto para conversas íntimas. O que eu quero é a minha cigarreira.

ALGERSON — Sim, mas esta não é a tua cigarreira. Esta cigarreira é um presente de uma pessoa chamada Cecily, e tu disseste que não conhecias ninguém com esse nome.

JOHN — Bem, se queres saber, Cecily é o nome de minha tia.

ALGERSON — Tua tia!

JOHN — Sim. Uma tia encantadora, já de idade. Mora em Tunbridge Wells. Dá-ma cá, Algy.

ALGERSON (*afastando-se para trás do sofá*) — Mas por que se chama ela a si mesma Cecily, se é tua tia e mora em Tunbridge Wells? (*Lendo.*) «Da Cecily, com o mais terno affecto.»

JOHN (*dirigindo-se para o sofá e ajoelhando-se nele*) — Meu caro, que drabo há nisso? Umhas tias são altas e outras não são, e usam o diminutivo. É um assunto em que, sem dúvida, uma tia pode ter a liberdade de decidir por si. Parece que achas que todas as tias devem ser exactamente como a tua! É absurdo! Por amor de Deus, restitui-me a minha cigarreira. (*Segue Algernon à volta da sala.*)

ALGERNON — Sim. Mas porque é que a tua tia te chama seu tio? «Da Cecília, com o mais termo affecto, ao seu querido tio John.» Não há nada a objectar, admito, ao facto de uma tia ser pequena, mas uma tia, seja de que tamanho for, chamar tio ao sobrinho, isso é que não posso compreender. Demais a mais, tu não te chamas John, o teu nome é Earnest.

JOHN — Não é Earnest, é John.

ALGERNON — Disseste-me sempre que era Earnest. Tenho-te apresentado a toda a gente como Earnest. Respondeste ao nome Earnest. Vê-se mesmo na tua cara que te chamas Earnest. Nunca vi um homem que desse tanto a impressão de Earnest como tu. É totalmente absurdo dizeres que não te chamas Earnest. Está nos teus cartões. Aqui está um deles. (*Tira um da carteira.*) «Earnest Worthing, B. 4, The Albany, W.» Guarda este como prova de que o teu nome é Earnest, se alguma vez tentares negar-no, ou a Gwendolen, ou a qualquer outra pessoa. (*Mete o cartão no bolso.*)

JOHN — Bem, chamo-me Earnest na cidade e John no campo, e a cigareira foi-me dada no campo.

ALGERNON — Sim, mas isso não explica o facto de a tua pequena tia Cecily, que mora em Tunbridge Wells, te chamar seu querido tio. Vámos, meu velho, era muito melhor pôr tudo em pratos limpos. Vou arrancar-te isso immediatamente.

JOHN — Meu caro Algy, falas exactamente como se fosses dentista. É muito vulgar falar-se como dentista sem se ser dentista. Produz uma falsa impressão.

ALGERNON — Bem, é exactamente o que os dentistas fazem sempre. Agora, vámos a isso! Conta-me tudo. Posso confessar-te que sempre desconfiei de que tu fosses um autêntico e secreto Bumburista, e agora tenho absoluta certeza disso.

JOHN — Bumburista? Que diabo quer isso dizer?

ALGERNON — Revelar-te-ei a significação desse incomparável termo logo que tenhas a bondade de me explicar porque é que és Earnest na cidade e John no campo.

JOHN — Bem, primeiro dá cá a minha cigareira.

ALGERNON — Aqui a tens. (*Dá-lhe a cigareira.*) Agora dá-me a tua explicação improvável, peço-te. (*Sentia-se no sofá.*)

JOHN — Meu caro, na minha explicação não há nada de improvável. Com effeito, é perfeitamente normal. O velho senhor Thomas Cardew, que me adoptou em criança, nomeou-me tutor da sua neta, Cecily Cardew, no seu testamento. Esta menina, que me trata por tio por motivos de respeito, que tu não podes decerto apreciar, habita lá para os meus sítios no campo, na companhia da sua admirável preceptora, Miss Prism.

ALGERNON — Onde é isso, a propósito?

JOHN — Não tens nada com isso, meu caro. Ninguém te vai convidar... Posso candidamente dizer-te que não é em Shropshire.

ALGERNON — Já suspeitava, meu caro! Já por duas ocasiões palmilhei Shropshire de pés a pés. Agora, continua. Porque é que és Earnest na cidade e John no campo?

JOHN — Meu caro Algy, não sei se poderás compreender os meus motivos reais. Não tens a seriedade necessária. Quando um homem ocupa o lugar de tutor, tem de adoptar em todos os seus actos uma attitude de austera moralidade. É o seu dever. É como uma attitude de austera moralidade não se coaduna lá muito bem com a saúde ou com a felicidade do homem, para dar uma escapadela até à cidade fingi ter um irmão mais novo chamado Earnest, que vive em Albany e se vê às vezes em tremendadas enrascadas. Eis, meu caro Algy, a verdade pura e simples.

ALGERNON — A verdade é raras vezes pura e nunca é simples. Muito aborrecida seria a vida moderna se fosse uma coisa ou outra, e a literatura moderna seria uma completa impossibilidade!

JOHN — Não seria de modo algum uma coisa má.

ALGERNON — A crítica literária não é o teu forte, meu caro amigo. Não experimentes. Deves deixar isso aos que nunca frequentaram uma Universidade. Fazem-no com tal perfeitura nos jornais diários. O que tu realmente és é um Bumburista. Eu tive

toda a razão em dizer que eras um Bumburista. És um dos Bumburistas mais refinados que eu conheço.

JOHN — Que diabo queres dizer com isso?

ALGERNON — Tu inventaste um irmão mais novo muito útil chamado Earnest, a fim de poderes dar uma escapadela até à cidade sempre que te apetece. Eu inventei um inestimável invólucro permanente chamado Bumbury, a fim de poder ir ao campo todas as vezes que me der na gana.

JOHN — Que disparate.

ALGERNON — Não é nada disparatado. O Bumbury é perfeitamente inestimável. Se não fosse a extraordinária falta de saúde do Bumbury, por exemplo, eu não poderia ir hoje jantar contigo ao Willis, pois há mais de uma semana que estou comprometido com a tia Augusta.

JOHN — Eu não te convidei para jantares contigo esta noite.

ALGERNON — Bem sei. És absolutamente desleixado com os teus convites. É uma falta de bom senso da tua parte. Nada aborrece tanto como não se receber convites.

JOHN — Era melhor jantares com a tia Augusta.

ALGERNON — Não tenho a menor intenção de fazer algo do género. Em primeiro lugar, jantei lá na segunda-feira, e uma vez por semana é mais do que suficiente para jantarmos com os parentes. Em segundo lugar, sempre que junto lá sou tratado como membro da família e ou não me põem ao lado de mulher nenhuma ou põem-me entre duas mulheres. Em terceiro lugar, sei perfeitamente quem ela me vai pôr ao lado hoje. Vai colocar-me junto da Mary Farquhar, que está sempre a fazer namoro ao marido sentado em frente. Não é lá muito agradável. Nem é mesmo muito decente... e esse costume está a afastar-se enormemente. É deveras escandaloso o número de mulheres que fazem namoro aos seus maridos. Parece tão mal. É simplesmente lavar a roupa limpa em público. Além disso, agora que eu sei que tu és um autêntico Bumburista, desejo naturalmente falar-te do Bumburismo. Quero expor-te as regras.

JOHN — Eu não sou nada Bumburista. Se a Gwendolen me aceitar, vou matar o meu irmão; penso que, realmente, em qualquer caso o matarei. A Cecily está um pouco demasiado interessada por ele. É uma maçada. Por isso vou-me libertar do Earnest. E aconselho-te veementemente a fazeres o mesmo ao senhor... ao teu amigo inválido que tem esse tal nome absurdo.

ALGERNON — Nada me decidirá a separar-me do Bumbury, e se um dia casares, o que se me abigura extremamente problemático, há-de gostar de conhecer o Bumbury. Um homem que se casa sem conhecer o Bumbury abortece-se infinitamente.

JOHN — Isso é um disparate. Se eu me casar com uma rapariga encantadora como a Gwendolen, e com mais nenhuma casaria, não querei, com certeza, conhecer o Bumbury.

ALGERNON — Quererá tua mulher, então. Parece que não compreendes que na vida conjugal três é companhia, e dois não.

JOHN (*sentenciosamente*) — Isso, meu caro amiguinho, é a teoria que o corrupto drama francês anda a propagar há cinquenta anos.

ALGERNON — Sim, e que o feliz lar inglês comprovou em metade desse tempo.

JOHN — Por amor de Deus, não tentes ser cínico. É factível ser cínico.

ALGERNON — Meu caro, hoje em dia não é fácil ser-se coisa nenhuma. Há em tudo uma concorrência bestial. (*Olve-se o retirar da campainha eléctrica.*) Ah! Deve ser a tia Augusta. Só parentes ou credores é que tocam deste modo wagneriano. Ora, se eu conseguir entretê-la por dez minutos, de maneira que tu tenhas oportunidade para te declarares à Gwendolen, poderei jantar contigo logo no Willis.

JOHN — Creio que sim, se quiseres.

ALGERNON — Sim, mas deves levar isso a sério. Detesto as pessoas que não levam as refeições a sério. É mostrarem-se muito superficiais. (*Entra Lane.*)

LANE — Lady Bracknell e Miss Fairfax. (*Algernon vai ao seu encontro. Entram Lady Bracknell e Gwendolen.*)

LADY BRACKNELL — Boa tarde, querido Algernon, espero que te estejas a portar muito bem.

ALGERNON — Sinto-me muito bem, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Não é bem a mesma coisa. De facto, as duas coisas raramente coincidem. (*Vê John e baixa-lhe a cabeça, friamente.*)

ALGERNON (*para Gwendolen*) — Meu Deus, que elegância!

GWENDOLEN — Sou sempre elegante! Não sou, senhor Worthing?

JOHN — Uma absoluta perfeição, Miss Fairfax.

GWENDOLEN — Oh! Isso não quero ser! Não deixaria espaço para mais evoluções, e eu tenciono evoluir em muitas direcções. (*Gwendolen e John sentam-se juntos ao canto.*)

LADY BRACKNELL — Sinto muito termos chegado um pouco tarde, Algernon, mas fui obrigada a ir a casa da querida Lady Harbury. Desde o falecimento do marido que eu não ia lá. Nunca vi uma mulher que se modificasse tanto, parece ter vinte anos menos. E agora quero uma chávena de chá e uma dessas sanduíches de pepino que me prometeste.

ALGERNON — Claro, tia Augusta. (*Dirige-se para a mesa.*)

LADY BRACKNELL — Não vens para aqui, Gwendolen?

GWENDOLEN — Obrigada, mamã, estou aqui muito bem.

ALGERNON (*pegando horrorizado no prato vazio*) — Deus do céu! Lane! Porque é que não há sanduíches de pepino? Mandeí fazê-las especialmente.

LANE (*gravemente*) — Não havia pepinos no mercado esta manhã, senhor. Fui lá duas vezes.

ALGERNON — Não havia pepinos!

LANE — Não, senhor. Nem sequer com dinheiro à vista.

ALGERNON — Está bem, Lane, obrigado.

LANE — Obrigado, senhor. (*Sai.*)

ALGERNON — Estou desolado, tia Augusta, por não haver pepinos, nem mesmo com dinheiro à vista.

LADY BRACKNELL — Não faz mal, Algernon. Comi uns pastéis com Lady Harbury, que me parece agora viver inteiramente para o prazer.

ALGERNON — Disseram-me que o cabelo dela agora, com o desgosto, parece ouro.

LADY BRACKNELL — Mudou, com certeza, de cor. Por que motivo, não posso, é claro, dizer. (*Algernon serve-lhe o chá.*) Obrigada. Hoje vais-te regalar, Algernon. Ao jantar vou-te pôr ao lado da Mary Farquhar. É uma mulher simpática e tão atenciosa com o marido. É um prazer vê-los.

ALGERNON — Receio, tia Augusta, ter de me privar do prazer de jantar hoje em sua casa.

LADY BRACKNELL (*franzindo as sobrancelhas*) — Espero que não faças isso. Desarranjava-me completamente a mesa. Teu tio teria de jantar lá em cima. Felizmente já está habituado a isso.

ALGERNON — É uma grande maçada e, quase escuso de o dizer, uma terrível contrariedade para mim, mas o facto é que recebi agora mesmo um telegrama a dizer que o meu pobre amigo Bumbury está outra vez muito mal. (*Troca olhares com John.*) Parecem pensar que eu devo estar com ele.

LADY BRACKNELL — É muito estranho. Este senhor Bumbury parece sofrer de uma curiosa doença.

ALGERNON — Sim, o pobre Bumbury é um terrível inválido.

LADY BRACKNELL — Bem, devo dizer, Algernon, que penso que são horas de esse senhor Bumbury resolver se há-de morrer ou viver. Essa hesitação é absurda. Nem eu, de modo algum, aprovo a moderna simpatia pelos inválidos. Considero-a mórbida. A doença, seja de que género for, não é coisa que se deva estimular nos outros. A saúde é o dever primordial da vida. Estou sempre a dizer isso ao teu pobre tio, mas ele nunca parece fazer grande caso... enquanto vai sentindo algumas melhoras dos seus achaques. Ficar-te-ia muito grata se, da minha parte, pedisses ao senhor Bumbury que fizesse o favor de não ter uma recaída no sábado, pois conto contigo para me tratares da música.

É a minha última recepção, e quer-se alguma coisa que anime a conversa, sobretudo no fim da temporada, quando toda a gente já praticamente disse tudo o que tinha a dizer, o que na maior parte dos casos não era provavelmente muito.

ALGERNON — Falarei ao Bumbury, tia Augusta, se ele estiver ainda consciente, e penso que posso prometer-lhe que ele se encontrará perfeitamente no sábado. É claro que a música é uma grande dificuldade. Já se sabe, se se toca boa música, ninguém a ouve e se se toca má música, ninguém conversa. Mas eu passo uma vista de olhos pelo programa que elaborei se a tia fizer o favor de vir por um momento para aquela sala.

LADY BRACKNELL — Obrigada, Algernon. É muito atencioso da tua parte. (*Levantando-se e seguindo Algernon.*) Tenho a certeza de que o programa há-de ficar delicioso, após algumas expurgações. Canções francesas é que eu não posso permitir. Parecem sempre achá-las inconvenientes, e ou se mostram escandalizados, o que é uma indelicadeza, ou se riem, o que é pior. O alemão, porém, parece uma língua perfeitamente respeitável, e realmente eu assim o creio. Gwendolen, vens comigo.

GWENDOLEN — Pois sim, mamã. (*Lady Bracknell e Algernon entram na sala de música. Gwendolen fica para trás.*)

JOHN — Esteve hoje um dia encantador, Miss Fairfax.

GWENDOLEN — Por favor, não me fale do tempo, senhor Worthing. Quando me falam do tempo, sinto quase sempre que têm outra coisa em mente. E isso põe-me nervosa.

JOHN — Realmente, tenho.

GWENDOLEN — Era o que eu pensava. De facto nunca me engano.

JOHN — E gostaria de poder aproveitar a ausência temporária de Lady Bracknell...

GWENDOLEN — E eu aconselhava-o a fazê-lo. A mamã tem uma maneira de voltar de repente a uma sala, que eu já tive muitas vezes de falar com ela.

JOHN (*nervosamente*) — Miss Fairfax, desde que a conheci, admirei-a mais do que qualquer rapariga... que jamais conheci desde... que a conheci.

GWENDOLEN — Sim, sei isso perfeitamente. E muitas vezes desejei que em público o senhor, de qualquer modo, se manifestasse mais. Para mim, o senhor teve sempre um fascínio irresistível. Já antes de o encontrar, eu estava longe de lhe ser indiferente. (*John fita-a, assombrado.*) Nós vivemos, como decerto sabe, senhor Worthing, numa época de ideias. O facto é constantemente citado nas revistas mais caras, e já chegou, segundo ouvi dizer, aos púlpitos da província; e o meu ideal foi sempre amar um homem que se chamasse Earnest. Há neste nome algo que inspira absoluta confiança. Quando pela primeira vez o Algernon me disse que tinha um amigo chamado Earnest, soube que estava destinada a amá-lo. O nome, felizmente para a minha paz de espírito, é, tanto quanto a minha experiência o prova, extremamente raro.

JOHN — Ama-me realmente, Gwendolen?

GWENDOLEN — Apaixonadamente!

JOHN — Querida! Não sabe a felicidade que me dá!

GWENDOLEN — Meu Earnest!

JOHN — Mas não quer, com certeza, dizer que não me poderia amar se eu não me chamasse Earnest?

GWENDOLEN — Mas chama-se Earnest.

JOHN — Sim, bem sei. Mas, supondo que não me chamava assim? Quer dizer que não me poderia então amar?

GWENDOLEN (*voluntariamente*) — Ah! Isso é nitidamente especulação metafísica, e como a maior parte das especulações metafísicas, muito pouca relação têm com os factos da vida real tais como os conhecemos.

JOHN — Pessoalmente, minha querida, para lhe falar com toda a franqueza, não tenho grande apego ao nome Earnest... Não acho esse nome apropriado.

GWENDOLEN — Perfeitamente apropriado. É um nome divino. Tem música própria. Produz vibrações.

JOHN — Bem, realmente, Gwendolen, devo dizer que penso que há uma infinidade de outros nomes muito mais bonitos. Acho, por exemplo, John um nome encantador.

GWENDOLEN — John... Não, há pouca música, se alguma há, no nome John. Não produz vibração absolutamente alguma... Conheci vários Joões e todos eles, sem excepção, eram de uma banalidade superior à normal. Tenho pena de uma mulher casada com um homem chamado John. Provavelmente nunca lhe seria dado conhecer o inefável prazer de um momento de solidão. O único nome realmente seguro é Earnest.

JOHN — Gwendolen, tenho de me baptizar imediatamente — quero dizer, temos de casar imediatamente. Não há tempo a perder.

GWENDOLEN — Casar, senhor Worthing?

JOHN (*espantado*) — Bem... com certeza. Sabe que eu a amo, e fez-me crer, Miss Fairfax, que não me era inteiramente indiferente.

GWENDOLEN — Adoro-o. Mas ainda não me propôs casamento. Nem sequer nesse assunto se tocou.

JOHN — Bem... posso propor-lho agora?

GWENDOLEN — Penso que seria uma ocasião admirável. E para lhe poupar qualquer possível decepção, senhor Worthing, acho meu dever dizer-lhe desde já com toda a franqueza que estou plenamente resolvida a aceitá-lo.

JOHN — Gwendolen!

GWENDOLEN — Sim, senhor Worthing, que tem a dizer-me?

JOHN — Sabe o que tenho a dizer-lhe.

GWENDOLEN — Sim, mas não o diz.

JOHN — Gwendolen, quer casar comigo? (*Ajoelha-se.*)

GWENDOLEN — Já se vê que sim, querido. Quanto tempo gastou nisso! Recejo que tenha tido muito pouca prática deste género de declarações.

JOHN — Minha querida, nunca no mundo amei outra rapariga senão a si.

GWENDOLEN — Sim, mas os homens muitas vezes propõem casamento para praticarem. Sei que o meu irmão Gerald é um desses. Todas as minhas amigas mo dizem. Que olhos maravilhosamente azuis tem, Earnest! São azuis, perfeitamente azuis. Espero que olhe sempre para mim como está a olhar agora, especialmente estando outras pessoas presentes. (*Entra Lady Bracknell.*)

LADY BRACKNELL — Senhor Worthing! Levante-se, senhor! É uma posição deveras indecorosa essa.

GWENDOLEN — Mamã! (*John tenta erguer-se; ela não o deixa.*) Devo pedir-lhe que se retire. Não é lugar para si. Demais a mais, o senhor Worthing ainda não acabou.

LADY BRACKNELL — Acabou o quê, permites-me que pergunte?

GWENDOLEN — Estou noiva do senhor Worthing, mamã. (*Levantam-se juntos.*)

LADY BRACKNELL — Perdão, tu não estás noiva de ninguém. Quando estiveres noiva de alguém, eu ou teu pai, se a saúde lho permitir, te informaremos do facto. O noivado deve surgir a uma rapariga como uma surpresa, agradável ou desagradável consoante o caso. Não é um assunto que ela possa tratar por si mesma... E agora tenho umas perguntas a fazer-lhe, senhor Worthing. Enquanto eu falo aqui com o senhor Worthing, tu, Gwendolen, espera-me lá em baixo na carruagem.

GWENDOLEN (*em tom de censura*) — Mamã!

LADY BRACKNELL — Na carruagem, Gwendolen! (*Gwendolen vai para a porta. Ela e John atiram beijos um ao outro, por trás das costas de Lady Bracknell. Lady Bracknell olha vagamente em redor, como se não percebesse que barulho era aquele. Finalmente volta-se.*) Gwendolen, na carruagem!

GWENDOLEN — Sim, mamã. (*Sai, olhando para trás, para John.*)

LADY BRACKNELL (*sentando-se*) — Pode sentar-se, senhor Worthing. (*Procura no bolso a agenda e um lápis.*)

JOHN — Obrigado, Lady Bracknell, prefiro ficar de pé.

LADY BRACKNELL (*de lápis e agenda em punho*) — Sinto-me obrigada a dizer-lhe que o senhor não figura na minha lista de rapazes elegíveis, embora eu tenha a mesma lista que a querida Duquesa de Bolton. Trabalhamos, de facto, juntas. Estou, porém, pronta a incluir o seu nome, caso as suas respostas correspondam aos desejos de uma mãe deveras extrema. Fuma?

JOHN — Sim, devo confessar que fumo.

LADY BRACKNELL — Estimo muito sabê-lo. Um homem deve ter sempre uma ocupação qualquer. Há actualmente em Londres demasiados ociosos. Que idade tem?

JOHN — Vinte e nove anos.

LADY BRACKNELL — Uma excelente idade para se casar. Sempre fui da opinião que um homem que deseja casar-se devia saber ou tudo ou nada. O senhor, tudo ou nada?

JOHN (*após alguma hesitação*) — Não sei nada, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL — Estimo muito ouvir isso. Não aprovo nada que colida com a ignorância natural. A ignorância é como um delicado fruto exótico, toca-se e lá se lhe vai o vício. Toda a teoria da educação moderna é radicalmente errónea. Felizmente, em Inglaterra, a educação não produz nenhum efeito. Se produzisse, redundaria num sério perigo para as classes superiores e levaria provavelmente a actos de violência na Grosvenor Square. Que rendimento tem?

JOHN — Entre sete e oito mil libras por ano.

LADY BRACKNELL (*aponta na agenda*) — Terras ou capitais?

JOHN — Principalmente capitais a render.

LADY BRACKNELL — É magnífico. Tanto pelos deveres que se nos impõem durante a vida, como pelos que de nós exigem depois da morte, a terra deixou de ser origem de lucro ou prazer. Dá posição a uma pessoa, mas impede-a de a conservar. É tudo o que se pode dizer da terra.

JOHN — Tenho uma casa de campo com alguma terra, é claro, anexa, uns mil e quinhentos acres, creio, mas não conto com isso para o meu rendimento real. Já cheguei à conclusão de que só os caçadores furtivos é que dela tiram algum proveito.

LADY BRACKNELL — Uma casa de campo! Quantos quartos de dormir? Bem, esse ponto pode ser esclarecido depois. Tem, decerto, também casa na cidade? Não há-de querer que uma rapariga simples e pura como a Gwendolen vá viver no campo.

JOHN — Bem, possuo uma casa em Belgrave Square, mas está alugada ao ano a Lady Bloxham. É claro que posso tomar conta dela quando quiser; basta avisar com seis meses de antecedência.

LADY BRACKNELL — Lady Bloxham? Não conheço.

JOHN — Oh, ela sai muito pouco. É uma senhora de idade consideravelmente avançada.

LADY BRACKNELL — Ah, hoje em dia isso não é garantia de respeitabilidade de carácter. Que número é em Belgrave Square?

JOHN — Cento e quarenta e nove.

LADY BRACKNELL (*meneando a cabeça*) — Não é o lado da moda. Sempre pensei que havia alguma coisa. Isso, porém, podia facilmente alterar-se.

JOHN — Quer referir-se à moda ou ao lado?

LADY BRACKNELL (*seriamente*) — As duas coisas, se for necessário, presumo. Que política é a sua?

JOHN — Bem, parece-me que, na realidade, não é nenhuma. Sou Liberal Unionista.

LADY BRACKNELL — Oh, contam como *Tories*. Jantam conosco. Ou vêm à noite. Agora, vamos a coisas de menor importância. Seus pais estão vivos?

JOHN — Perdi-os ambos.

LADY BRACKNELL — Perder o pai ou a mãe, senhor Worthing, pode considerar-se uma infelicidade; perdê-los ambos parece desleixo. Quem era seu pai? Era evidentemente

um homem de alguma fortuna. Nasceu no que os jornais radicais chamam a púrpura do comércio, ou saiu do seio da aristocracia?

JOHN — Reccio, na realidade, não saber. É um factio, Lady Bracknell, que eu disse ter perdido meus pais. Seria, porém, mais próximo da verdade dizer que os meus pais é que parece terem-me perdido... Não sei, na verdade, quem sou por nascimento. Fui... fui... achado.

LADY BRACKNELL — Achado!

JOHN — O falecido senhor Thomas Cardew, um velho caritativo e bondoso, achou-me, e deu-me o nome de Worthing, por ter nessa ocasião no bolso um bilhete de primeira classe para Worthing. Worthing fica em Sussex. É uma praia.

LADY BRACKNELL — Onde foi que o achou esse tal caridoso cavalheiro que tinha no bolso um bilhete de primeira classe para Worthing?

JOHN (*gravemente*) — Numa mala de mão.

LADY BRACKNELL — Numa mala de mão?

JOHN (*muito sério*) — Sim, Lady Bracknell. Eu estava numa mala de mão — um pouco grande, de couro preto, com asas — uma mala vulgar.

LADY BRACKNELL — Em que sítio encontrou esse tal James ou Thomas Cardew essa mala vulgar?

JOHN — No vestiário da Estação de Victoria. Deram-lha por engano, em vez da sua.

LADY BRACKNELL — Na Estação de Victoria?

JOHN — Sim. Linha de Brighton.

LADY BRACKNELL — A linha é imaterial. Confesso, senhor Worthing, que me sinto um tanto desnordeada pelo que me acaba de dizer. Ter nascido, ou, quem sabe, ter sido criado numa mala, com asas ou sem asas, parece-me revelar um desprezo pelas vulgares decências da vida familiar, que nos lembra os piores excessos da Revolução Francesa. E presumo que o senhor sabe aonde levou esse desgraçado movimento. Quanto

ao local onde foi encontrada a mala, um vestiário de uma estação de caminho-de-ferro, podia muito bem servir para ocultar uma inconveniência social — foi já, decerto, utilizado para esse fim —, mas não se poderá considerar como base idónea para uma situação reconhecida na boa sociedade.

JOHN — Permite-me, então, que lhe pergunte que me aconselharia a fazer? Quase escuso de lhe dizer que tudo no mundo farei para assegurar a felicidade da Gwendolen.

LADY BRACKNELL — Aconselhá-lo-ia seriamente, senhor Worthing, a procurar, o quanto antes, adquirir alguns parentes, e a empregar todos os esforços para, de qualquer modo, apresentar pai ou mãe antes de findar a temporada.

JOHN — Bem, não vejo modo de conseguir isso. Posso, em qualquer altura, apresentar a mala. Tenho-a lá em casa. Parece-me que isso a devia satisfazer, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL — A mim! Que tenho eu com isso? O senhor pensa que eu e Lord Bracknell vamos consentir que a nossa filha única — uma menina educada com o mais extremo cuidado — entre pelo casamento para um vestiário e se ligue a uma bagagem? Bom dia, senhor Worthing! (*Lady Bracknell sai pela porta fora com majestática indignação.*)

JOHN — Bom dia! (*Algernon, na outra sala, toca a Marcha Nupcial. John, furioso, corre à porta.*) Por amor de Deus, não toques essa maldita música, Algy! Que imbecil tu és! (*A música pára e Algernon entra, radiante.*)

ALGERNON — Não correu tudo bem, meu velho? Não queres dizer que a Gwendolen te rejeitou? Bem sei que é costume dela. Rejeita sempre os pretendentes. Penso que é para dar provas de mau génio.

JOHN — Oh, a Gwendolen portou-se lindamente. Pela parte dela, estamos noivos. A mãe é que é absolutamente insuportável. Nunca encontrei uma Górgona assim... Não sei bem ao certo como é uma Górgona, mas tenho a certeza de que Lady Bracknell é uma delas. Seja como for, é um monstro, sem ser

um mito... Desculpa-me, Algy, não devia na tua presença falar assim da tua tia.

ALGERNON — Meu caro, gosto de ouvir dizer mal dos meus parentes. É a única coisa que faz com que eu os ature. Os parentes são simplesmente uma gente muito aborrecida, que não tem a mais remota noção do modo como há-de viver, nem o mais pequeno instinto do momento em que há-de morrer.

JOHN — Oh, isso é um disparate!

ALGERNON — Não é!

JOHN — Bem, não quero discutir contigo. Tu queres sempre discutir sobre todas as coisas.

ALGERNON — Foi precisamente para isso que se fizeram as coisas.

JOHN — Palavra de honra, se eu pensasse isso, dava um tiro na cabeça... (*Uma pausa.*) Achas que há alguma probabilidade de a Gwendolen vir a ser como a mãe daqui a cento e cinquenta-anos, Algy?

ALGERNON — Todas as mulheres saem às mães. É a sua tragédia. Os homens não. É a deles.

JOHN — Isso é inteligente?

ALGERNON — É bem dito! É tão verdadeiro como deve ser qualquer observação na vida civilizada.

JOHN — Estou completamente farto de inteligência. Toda a gente agora é inteligente. Não se pode ir a parte alguma sem encontrar gente inteligente. Já se tornou uma absoluta maçada pública. Quem me dera que nos restassem alguns parvos!

ALGERNON — Ainda os há.

JOHN — Gostaria imenso de os encontrar. De que falam eles?

ALGERNON — Os parvos? Oh!, dos inteligentes, é claro.

JOHN — Que parvos!

ALGERNON — A propósito, disseste à Gwendolen a verdade acerca dos teus dois nomes — Earnest na cidade e John no campo?

JOHN (*num tom muito condescendente*) — Meu caro, não é a verdade que se deve dizer a uma rapariga bonita, doce e delicada.

Que ideias extraordinárias tu tens sobre a maneira de lidar com as mulheres!

ALGERNON — A única maneira de lidar com uma mulher é fazer-lhe amor se for bonita e, se for feia, fazê-lo a outra.

JOHN — Oh, isso é um disparate.

ALGERNON — E o teu irmão? Que me dizes do teu desgraçado Earnest?

JOHN — Oh, antes do fim da semana hei-de ficar livre dele. Direi que morreu em Paris de uma apoplexia. Morre imensa gente de apoplexia repentinamente, não morre?

ALGERNON — Sim, mas é hereditária, meu caro. É uma doença que anda nas famílias. Era melhor dizeres que foi um grave resfriado que o matou.

JOHN — Tens a certeza de que os resfriados não são hereditários? — ?

ALGERNON — É claro que não são!

JOHN — Muito bem, então. O meu pobre irmão Earnest morreu de repente em Paris, de um grave resfriado. É assim que me desfaço dele.

ALGERNON — Mas pensava ter-te ouvido dizer que... Miss Cardew se interessava bastante pelo teu pobre irmão Earnest. Não sentirá muito a falta?

JOHN — Oh, não faz mal. A Cecily não é uma tolinha romântica, folgo muito em dizê-lo. Tem um apetite excelente, dá grandes passeios a pé e não faz caso absolutamente nenhum das lições.

ALGERNON — Gostava de ver a Cecily.

JOHN — Terei muito cuidado em evitar que tu a vejas. É formosíssima e tem apenas dezoito anos.

ALGERNON — Disseste à Gwendolen que tens uma pupila formosíssima de dezoito anos de idade?

JOHN — Oh! essas coisas não se dizem logo assim. A Cecily e a Gwendolen hão-de com certeza vir a ser grandes amigas. Aposto tudo o que tu quiseres que, meia hora depois de se encontrarem, estarão já a chamar-se irmã uma à outra.

ALGERNON — As mulheres só fazem isso depois de se terem chamado umas às outras muitas outras coisas. Agora, meu caro, se queremos apanhar uma boa mesa no Willis, temos de nos vestir. Sabes que são quase sete horas?

JOHN (*irritadamente*) — Oh! São sempre quase sete horas!

ALGERNON — Bem, estou com fome.

JOHN — Desde que te conheço ainda não te vi sem fome.

ALGERNON — Que faremos depois de jantar? Vamos ao teatro?

JOHN — Oh, não! Detesto ouvir.

ALGERNON — Bem, vamos ao Clube?

JOHN — Oh, não! Detesto falar.

ALGERNON — Bem, podíamos ir ao *Empire*, às dez?

JOHN — Oh, não! Não posso suportar estar a olhar para as coisas. É tão estúpido.

ALGERNON — Bem, que havemos de fazer, então?

JOHN — Nada!

ALGERNON — É um trabalho terrivelmente árduo não fazer nada. Todavia, não me importo de trabalhar arduamente, desde que não haja nenhum objectivo definido. (*Entra Lane.*)

LANE — Miss Fairfax. (*Entra Gwendolen. Lane sai.*)

ALGERNON — Gwendolen, palavra de honra!

GWENDOLEN — Algy, faça o favor de virar as costas. Tenho algo muito particular a dizer ao senhor Worthing.

ALGERNON — Realmente, Gwendolen, não me parece que deva consentir numa coisa dessas.

GWENDOLEN — Algy adopta sempre uma atitude estritamente imoral para com a vida. Não tem idade ainda para fazer isso. (*Algernon retira-se para junto do fogão.*)

JOHN — Meu amor!

GWENDOLEN — Earnest, talvez nunca possamos casar. Pela expressão na cara da mamã receio que nunca nos casaremos. Poucos pais hoje se importam com o que os filhos lhes dizem. O antigo respeito pelos jovens vai morrendo de dia para dia. Toda a influência que eu tinha sobre a mamã perdi-a aos três

anos. Mas, embora ela se oponha ao nosso casamento, ainda que eu case com outro, case muitas vezes, faça ela o que quiser, nada poderá alterar a minha eterna dedicação por si.

JOHN — Querida Gwendolen!

GWENDOLEN — A história da sua romântica origem, como ma contou a mamã, com desagradáveis comentários, revolveu naturalmente as mais profundas fibras do meu ser. O seu nome de baptismo exerce sobre mim um fascínio irresistível. A simplicidade do seu carácter torna-o estranhamente incompreensível para mim. Já tenho a sua direcção na cidade. Qual é a sua direcção no campo?

JOHN — The Manor House, Woolton, Herfordshire. (*Algernon, que esteve a escutar com toda a atenção, sorri de si para si, e escreve a direcção no punho da camisa. Depois pega no guia dos caminhos-de-ferro.*)

GWENDOLEN — O serviço do correio é bom, não? Pode ser necessário fazer alguma coisa desesperada. Isso requer, já se vê, uma séria ponderação. Escrever-lhe-ei todos os dias.

JOHN — Minha querida!

GWENDOLEN — Até quando se demora na cidade?

JOHN — Até segunda-feira.

GWENDOLEN — Bom! Algy, já se pode virar.

ALGERNON — Obrigado, já me virei.

GWENDOLEN — Pode também tocar a campainha.

JOHN — Quer que eu a acompanhe à carruagem, meu amor?

GWENDOLEN — Sem dúvida.

JOHN (*para Lane, que entra agora*) — Eu acompanho Miss Fairfax.

LANE — Sim, senhor. (*John e Gwendolen saem. Lane apresenta várias cartas numa salva a Algernon. Pelo facto de Algernon as rasgar, pois mal lhes vê os sobrescritos, deduz-se que são contas.*)

ALGERNON — Um copo de Xerez, Lane.

LANE — Sim, senhor.

ALGERNON — Amanhã, Lane, vou Bumburizar.

LANE — Sim, senhor.

ALGERNON — Decerto que não estou de volta antes de segunda. Podes meter na mala a roupa de cerimónia, o smoking e essas coisas do Bumbury...

LANE — Sim, senhor. (*Servindo o Xerez.*)

ALGERNON — Espero que amanhã esteja um dia bonito, Lane.

LANE — Nunca está, senhor.

ALGERNON — Lane, tu és um perfeito pessimista.

LANE — Faça o possível por satisfazer, senhor. (*Entra John, Lane sai.*)

JOHN — Isto é que é uma rapariga sensata, intelectual! A única rapariga que jamais me interessou na vida. (*Algernon ri desbragadamente.*) Que é que te faz rir assim?

ALGERNON — Oh, estou um pouco inquieto por causa do Bumbury, nada mais.

JOHN — Se te não acautelas, qualquer dia o teu amigo Bumbury mete-te em sérios sarilhos.

ALGERNON — Adoro sarilhos. São as únicas coisas que nunca são sérias.

JOHN — Oh, isso é um disparate, Algy. Passas a vida a dizer dispartes.

ALGERNON — Como toda a gente. (*John olha indignado para ele e sai. Algernon acende um cigarro, lê o que apontou no punho e sorri.*)

CAI O PANO

SEGUNDO ACTO

Cena: jardim na Manor House. Um lanço de degraus de pedra dá acesso à casa. O jardim, à moda antiga, cheio de rosas. Julho. Cadeiras de verga e uma mesa coberta de livros, à sombra de um grande teixo.

Miss Prism, em cabelo, sentada à mesa. Ao fundo, Cecily anda a regar flores.

MISS PRISM (*chamando*) — Cecily, Cecily! Com certeza, uma ocupação tão utilitária como essa de regar flores compete mais ao Moulton do que a si. Especialmente numa ocasião em que a esperam prazeres intelectuais. Está aqui na mesa a sua gramática alemã. Faça o favor de a abrir na página quinze. Vamos repetir a lição de ontem.

CECILY (*aproximando-se muito devagar*) — Mas eu não gosto de alemão. Não é, de modo algum, língua que me convenha. Sei perfeitamente que depois da lição de alemão fico sempre com uma cara muito feia.

MISS PRISM — A menina sabe o quanto o seu tutor se empenha pelos seus progressos. Ao despedir-se ontem insistiu especialmente no Alemão. Realmente, insiste sempre no Alemão quando parte para a cidade.

CECILY — O meu querido tio John é tão sério! Às vezes é tão sério que eu até penso que não pode estar bom de saúde.

MISS PRISM (*levantando-se*) — O seu tutor goza de uma saúde esplêndida, e a sua seriedade enquadra-se perfeitamente numa pessoa assim nova. Não conheço ninguém com uma noção tão elevada do dever e da responsabilidade.

CECILY — Suponho que é por isso que muitas vezes ele parece tão aborrecido quando estamos os três juntos.

MISS PRISM — Cecily! Surpreende-me. O senhor Worthing tem na sua vida muitas coisas que o preocupam. Gracejos ociosos e trivialidades não têm lugar na sua conversa. Deve lembrar-se de que o que constantemente o aflige é aquele infeliz rapaz, seu irmão.

CECILY — Gostava que o tio John, uma vez ou outra, deixasse cá vir esse infeliz rapaz, seu irmão. Podíamos exercer sobre ele uma boa influência, Miss Prism. Tenho a certeza de que Miss Prism a exerceria. Sabe Alemão e Geologia, e coisas dessas influem muito sobre um homem. (*Cecily começa a escrever no seu diário.*)

MISS PRISM (*meneando a cabeça*) — Parece-me que nem mesmo eu poderia produzir qualquer efeito sobre um carácter que, segundo o que diz o irmão, é irremediavelmente fraco e titubeante. Realmente, não sinto vontade nenhuma de o modificar. Não concordo com essa moderna mania de transformar do pé para a mão os maus em bons. Conforme sementes, assim colherás. Arrume o seu diário, Cecily. Realmente, não percebo porque é que há-de ter um diário.

CECILY — Tenho um diário para arquivar os maravilhosos segredos da minha vida. Se não os apontasse, esquecia-os com certeza.

MISS PRISM — A memória, minha cara Cecily, é o diário que todos nós trazemos connosco.

CECILY — Sim, mas normalmente regista as coisas que nunca aconteceram e que decerto não podiam ter acontecido. Creio que a memória é responsável por quase todos os romances em três volumes que a Mudie nos manda.

MISS PRISM — Não fale levemente dos romances em três volumes, Cecily. Já escrevi um em tempos.

CECILY — Sim, Miss Prism? Que inteligente é, Miss Prism! E acabava bem? Não gosto dos romances que acabam bem. Deprimem-me tanto.

MISS PRISM — Os bons acabam bem e os maus acabam mal. É isto a ficção.

CECILY — Assim suponho. Mas não me parece bem. E o seu romance nunca foi publicado?

MISS PRISM — Ai! Não foi. O manuscrito foi abandonado. (*Cecily estremece.*) Emprego a palavra no sentido de perdido ou extraviado. Ao trabalho, menina, estas especulações são inúteis.

CECILY (*sorrindo*) — Mas vem aí o querido Dr. Chasuble a atravessar o jardim.

MISS PRISM (*levantando-se e avançando*) — O Dr. Chasuble! É realmente um prazer! (*Entra o cônego Chasuble.*)

CHASUBLE — E como estamos esta manhã? Miss Prism está bem, não?

CECILY — Miss Prism estava mesmo agora a queixar-se de uma leve dor de cabeça. Acho que lhe faria bem dar um passeiozinho pelo parque com o Dr. Chasuble.

MISS PRISM — Cecily, eu não falei em nenhuma dor de cabeça.

CECILY — Não, querida Miss Prism, bem sei, mas instintivamente senti que Miss Prism estava com dor de cabeça. Realmente, era nisso que eu estava a pensar, e não na lição de alemão, quando chegou o reitor.

CHASUBLE — Espero, Cecily, que não seja desatenta.

CECILY — Oh, receio bem que sim.

CHASUBLE — É estranho. Se eu tivesse a felicidade de ser aluno de Miss Prism, estaria sempre suspenso dos seus lábios. (*Miss Prism, fita-o, espantada.*) Falei metaforicamente. A minha metafora foi tirada das abelhas. (*Tosse.*) Ahem! O senhor Worthing, suponho, ainda não regressou da cidade?

MISS PRISM — Não o esperamos antes de segunda-feira de tarde.

CHASUBLE — Ah, sim, ele normalmente gosta de passar o domingo em Londres. Não é daqueles cujo único objectivo na vida é o gozo, como parece ser esse desventurado rapaz que é o irmão. Mas não devo incomodar mais Egeria e a sua aluna.

MISS PRISM — Egeria? Eu chamo-me Laetitia, doutor.

CHASUBLE (*baixando a cabeça*) — É simplesmente uma alusão clássica, tirada dos autores pagãos. Vê-las-ei ambas, sem dúvida, nas Vésperas?

MISS PRISM — Parece-me, caro doutor, que vou dar um passeiozinho consigo. Afinal, sempre reconheço que estou com dor de cabeça, e pode fazer-me bem passear um bocadinho.

CHASUBLE — Com prazer, Miss Prism, com prazer. Poderíamos ir até às escolas e voltar.

MISS PRISM — Seria delicioso. Cecily, leia, durante a minha ausência, a Economia Política. Pode omitir o capítulo sobre a queda da rupia. É um pouco sensacional de mais. Até estes problemas metálicos têm o seu lado melodramático. (*Afasta-se com o doutor Chasuble.*)

CECILY (*pega em livros e torna a atirá-los para cima da mesa*) — Horrenda Economia Política! Horrenda Geografia! Horrendo, horrendo Alemão! (*Entra Merriman com um cartão numa salva.*)

MERRIMAN — Chegou agora mesmo da estação o senhor Earnest Worthing. Trouxe a bagagem.

CECILY (*pega no cartão e lê-o*) — «Earnest Worthing, B. 4, The Albany, W.» O irmão do tio John! Disse-lhe que o senhor Worthing está na cidade?

MERRIMAN — Disse sim, menina. Pareceu muito contrariado. Disse-lhe que a menina e Miss Prism estavam no jardim. Respondeu-me que desejava falar à menina um momento, em particular.

CECILY — Peça ao senhor Earnest Worthing o favor de vir aqui. Parece-me que seria melhor dizer à governanta para lhe arranjar um quarto.

MERRIMAN — Sim, menina. (*Sai Merriman.*)

CECILY — Nunca encontrei até aqui uma pessoa deveras má. Sinto um certo receio. Estou com tanto medo de que se pareça com todos os outros. (*Entra Algernon, muito alegre e dengoso.*) E parece-se!

ALGERNON (*tirando o chapéu*) — É sem dúvida a minha prima minha Cecily.

CECILY — Está, com certeza, equivocado. Chama-me prima, mas parece-me que para a idade que tenho já sou bastante alta. (*Algernon fica um tanto surpreso.*) Mas sou a sua prima Cecily. É o senhor, vejo pelo seu cartão, é o irmão do meu tio John, o meu primo Earnest, o perverso do meu primo Earnest.

ALGERNON — Oh, eu não sou nada perverso, prima Cecily. Não deve pensar que eu sou perverso.

CECILY — Se não é, então tem andado a enganar-nos a todos de um modo absolutamente indesculpável. Espero que não tenha levado uma vida dupla, fingindo ser mau e sendo, na realidade, sempre bom. Seria hipocrisia.

ALGERNON (*olha para ela, espantado*) — Oh! claro que tenho sido um tanto estouvado.

CECILY — Estimo muito ouvi-lo dizer isso.

ALGERNON — De facto, já que fala nisso, tenho realmente sido mau cá a meu modo.

CECILY — Não me parece que deva orgulhar-se disso, embora eu tenha a certeza de que deve ter sido muito agradável.

ALGERNON — Muito mais agradável é estar aqui consigo.

CECILY — Não posso, de modo algum, perceber como está aqui. O tio John só chega segunda-feira de tarde.

ALGERNON — Isso é uma grande decepção. Sou obrigado a partir no primeiro comboio de segunda-feira de manhã. Tenho um encontro de negócios, a que estou ansioso... por faltar.

CECILY — E para faltar... tem de estar em Londres?

ALGERNON — Tenho, o encontro é em Londres.

CECILY — Bem sei, é claro, o quanto é importante faltar a um compromisso de negócios, se se quer conservar algum sentido da beleza da vida, todavia, penso que seria melhor esperar que chegue o tio John. Sei que ele deseja falar-lhe a respeito da sua partida.

ALGERNON — A respeito de quê?

CECILY — Da sua partida. Ele foi comprar-lhe tudo o que precisa.

ALGERNON — Não quero que o John me compre nada. Não tem gosto nenhum em gravatas.

CECILY — Não me parece que o primo precise de gravatas. O tio John vai mandá-lo para a Austrália.

ALGERNON — Para a Austrália! Antes queria morrer.

CECILY — Ele disse ao jantar, na quarta-feira à noite, que o primo teria de escolher entre este mundo, o outro mundo e a Austrália.

ALGERNON — Oh, bem! As informações que tenho da Austrália e do outro mundo não são lá muito animadoras. Este mundo é suficientemente bom para mim, prima Cecily.

CECILY — Sim, mas é o primo suficientemente bom para ele?

ALGERNON — Receio que não. É por isso que me quero regenerar. Podia encarregar-se dessa missão, prima Cecily, não?

CECILY — Receio não ter tempo esta tarde.

ALGERNON — Bem, e se me regenerar esta tarde?

CECILY — É um pouco quixotesco da sua parte. Mas parece-me que deve experimentar.

ALGERNON — Experimentarei. Já me sinto melhor.

CECILY — Pela cara, parece-me um pouco pior.

ALGERNON — Isso é por estar com fome.

CECILY — Que distraída sou! Devia ter-me lembrado que, quando uma pessoa vai levar uma vida inteiramente nova, precisa de refeições regulares e substanciais. Não quer entrar?

ALGERNON — Obrigado. Poderia arranjar-me primeiro um raminho? Sem a lapela florida nunca tenho apetite.

CECILY — Uma Marechal Niel? (*Pega na tesoura.*)

ALGERNON — Não, prefiro uma rosa cor-de-rosa.

CECILY — Porquê? (*Corta uma flor.*)

ALGERNON — Porque a prima Cecily parece uma rosa cor-de-rosa.

CECILY — Não me parece que seja correcto falar-me assim. Miss Prism nunca me diz essas coisas.

ALGERNON — Então Miss Prism é uma velha míope. (*Cecily põe-lhe a rosa na lapela.*) A prima Cecily é a rapariga mais bonita que eu já vi.

CECILY — Miss Prism diz que todas as belas aparências são armadilhas.

ALGERNON — Armadilhas em que todos os homens de bom senso gostariam de ser apanhados.

CECILY — Oh, parece-me que eu não quereria apanhar um homem de bom senso. Não saberia de que lhe havia de falar. (*Entram. Miss Prism e o Dr. Chasuble voltam do seu passeio pelo jardim.*)

Miss PRISM — Vive muito só, meu caro Dr. Chasuble. Devia casar. Um misantropo ainda posso compreender. Um feminantropo¹, nunca!

CHASUBLE (*encolhendo, com intelectual desdém, os ombros*) — Creia-me, não mereço tal neologismo. O preceito, assim como a prática, da Igreja primitiva, eram nitidamente contra o matrimónio.

Miss PRISM (*sentenciosamente*) — Por isso mesmo é que a Igreja primitiva não durou até aos nossos dias. E o meu caro doutor não parece compreender que, persistindo em conservar-se solteiro, um homem se converte numia permanente tentação pública. Os homens deviam ser mais cuidadosos; este celibato extravai os mais fracos.

CHASUBLE — Mas, depois de casado, o homem não tem o mesmo poder atractivo?

Miss PRISM — O homem casado não tem poder atractivo senão para a esposa.

¹ Oscar Wilde, profundamente versado na língua grega, sabia perfeitamente qual o significado do étimo *anthropos*. Neste sentido, só propositadamente, movido por intuits humorísticos, podia opor ao vocábulo *misanthrope* o disparatado *womanthrope*, afinado pelo pretensiosismo pedagógico da preceptora. Como dislate filológico, parece-me não lhe ficar a dever nada o neologismo aqui inventado. (N.T.)

CHASUBLE — E muitas vezes, tenho ouvido dizer, nem mesmo para ela.

MISS PRISM — Isso depende das simpatias intelectuais da mulher. Pode-se sempre confiar na maturidade. Um fruto maduro é sempre de confiança. As mulheres novas são verdes. (*O Dr. Chasuble estremece.*) Falei horticolamente. A minha metáfora foi tirada dos frutos. Mas onde está a Cecily?

CHASUBLE — Foi talvez atrás de nós. (*Entra John, muito devagar, vindo do fundo do jardim. Vem de luto pesado, fita de crepe no chapéu e luvas pretas.*)

MISS PRISM — O senhor Worthing!

CHASUBLE — O senhor Worthing?

MISS PRISM — É realmente uma surpresa. Só o esperávamos na segunda-feira à tarde.

JOHN (*aperta a mão a Miss Prism de um modo trágico*) — Voltei mais cedo do que calculava. Dr. Chasuble, está bem?

CHASUBLE — Meu caro senhor Worthing, espero que este traje de pesar não signifique uma terrível desgraça.

JOHN — Meu irmão.

MISS PRISM — Mais dívidas vergonhosas, mais extravagâncias?

CHASUBLE — Continua a levar a sua vida de prazer?

JOHN (*meneando a cabeça*) — Morreu!

CHASUBLE — Seu irmão Earnest morreu?

JOHN — Completamente.

MISS PRISM — Que lição para ele! Espero que lhe seja proveitoso.

CHASUBLE — Senhor Worthing, os meus sinceros pésames. Tem pelo menos a consolação de saber que foi sempre o mais generoso e indulgente dos irmãos.

JOHN — Pobre Earnest! Tinha muitos defeitos, mas é um triste, um triste golpe.

CHASUBLE — Tristíssimo, realmente. Assistiu-lhe aos últimos momentos?

JOHN — Não. Morreu no estrangeiro, em Paris. Recebi ontem à noite um telegrama do gerente do Grande Hotel.

CHASUBLE — Dizia a causa da morte?

JOHN — Um resfriado, ao que parece.

MISS PRISM — Conforme semeares, assim colherás.

CHASUBLE (*erguendo a mão*) — Caridade, querida Miss Prism, caridade! Nenhum de nós é perfeito. Eu próprio sou particularmente susceptível às correntes de ar. O enterro será aqui?

JOHN — Não. Parece que ele manifestou o desejo de ser sepultado em Paris.

CHASUBLE — Em Paris! (*Meneia a cabeça.*) Isso talvez denote algum sério estado de espírito nos últimos momentos. Deseja sem dúvida que no próximo domingo eu faça alguma leve alusão a esta trágica atribulação doméstica. (*John aperta-lhe a mão convulsamente.*) O meu semão sobre o significado do maná no deserto pode adaptar-se a qualquer ocasião — fés-tiva ou, como no caso presente, dolorosa. (*Todos suspiram.*) Preguei-o já em festas de colheitas, baptizados, confirmações, em dias de humilhação e em dias de regozijo. A última vez que o proferi foi na Catedral, como semão de caridade em benefício da Sociedade Contra o Descontentamento das Classes Superiores. O Bispo, que estava presente, ficou muito impressionado com algumas analogias que fiz.

JOHN — Ah! Isso lembra-me... falou em baptizados, não Dr. Chasuble? Suponho que sabe bem baptizar, não é verdade? (*O Dr. Chasuble mostra-se espantado.*) Quero dizer, está sempre a baptizar, não é assim?

MISS PRISM — É, lamento dizer, uma das ocupações mais constantes do reitor nesta freguesia. Muitas vezes tenho falado do disso às classes pobres. Mas parecem ignorar o que é economia.

CHASUBLE — Mas interessa-se em especial por alguma criança, senhor Worthing? Seu irmão era, creio, solteiro, não era?

JOHN — Oh, era sim, senhor.

Miss PRISM (*acerbamente*) — Como, em geral, os homens que vivem exclusivamente para o prazer.

JOHN — Mas não é para nenhuma criança, caro doutor. Gosto muito de crianças. Não! Eu é que gostaria de me baptizar, esta tarde, se não tiver nada melhor para fazer.

CHASUBLE — Mas tem dúvidas graves a esse respeito?

JOHN — Palpita-me que sim. É claro que não sei se isso de qualquer modo o maçã, ou se me acha já um bocadinho velho de mais.

CHASUBLE — Absolutamente nada. A aspersão e, na verdade, a imersão de adultos, são práticas perfeitamente canónicas.

JOHN — Imersão!

CHASUBLE — Não tem de recear. A aspersão é, no meu entender, o quanto basta. O tempo aqui é tão variável. A que horas deseja que se efectue a cerimónia?

JOHN — Oh! Podia lá estar às cinco, se isso lhe conviesse.

CHASUBLE — Perfeitamente, perfeitamente! Na verdade, tenho duas cerimónias idênticas a essa hora. Um caso de dois gémeos ocorrido recentemente numa das suas propriedades. O pobre Jenkins, o carroceiro, homem muito trabalhador.

JOHN — Oh! Não acho graça nenhuma em me baptizar ao mesmo tempo que outras crianças. Seria infantil. Não poderia ser às cinco e meia?

CHASUBLE — Admiravelmente! Admiravelmente! (*Puxa do relógio.*) E agora, meu caro Worthing, não quero ser intruso numa casa de dor por mais tempo. Apenas lhe peço que não se deixe abater demasiado pela mágoa. O que nós temos como amargas provações são muitas vezes bênçãos disfarçadas.

Miss PRISM — Isto parece uma bênção de um género extremamente óbvio. (*Entra Cecily vinda de dentro.*)

CECILY — O tio John! Estimo imenso vê-lo já de volta! Mas como vem vestido! Que horror! Vá já mudar de fato!

Miss PRISM — Cecily!

CHASUBLE — Minha filha! Minha filha! (*Cecily dirige-se para John, que a beija, melancolicamente, na testa.*)

CECILY — Que tem, tio John? Faça uma cara mais alegre! Parece que está com dor de dentes. Tenho uma surpresa para si. Quem pensa que está na sala de jantar? Seu irmão!

JOHN — Quem?

CECILY — Seu irmão Earnest. Chegou há-de haver meia hora.

JOHN — Que disparate! Não tenho irmão nenhum.

CECILY — Oh! Não diga isso. Por muito mal que ele tenha procedido para consigo, sempre é seu irmão. O tio não podia ser tão cruel ao ponto de o repudiar. Vou dizer-lhe que venha cá. E o tio há-de apertar-lhe a mão, sim? (*Corre para a casa.*)

CHASUBLE — Isto é que é uma boa nova!

Miss PRISM — Depois de já nos termos resignado com a sua perda, o seu súbito regresso parece-me particularmente angustiante.

JOHN — O meu irmão está na sala de jantar? Não sei o que tudo isto significa. Parece-me inteiramente absurdo! (*Entram Algernon e Cecily, de mãos dadas. Aproximam-se lentamente de John.*) Meu Deus! (*Faz sinal a Algernon para se retirar.*)

ALGERNON — Mano John, vim da cidade aqui para te pedir perdão por todos os incómodos que te tenho causado e dizer-te que tenciono levar uma vida melhor daqui para o futuro. (*John fita-o de frente e não lhe aceita a mão.*)

CECILY — Tio John, não vai recusar a mão de seu irmão?

JOHN — Nada me convencerá a pegar-lhe na mão. Acho a sua vinda ignóbil. Ele sabe muito bem porquê.

CECILY — Tio John, seja amável. Há sempre alguma coisa boa em toda a gente. O Earnest esteve a falar-me do seu pobre amigo inválido, o senhor Bumbury, que ele vai muitas vezes visitar. E deve, com certeza, haver um grande fundo de bondade num homem que, por dedicação a um inválido, deixa os prazeres de Londres para passar horas sentado à beira de um leito de dor.

JOHN — Oh! Ele esteve a falar-te do Bumbury, esteve?

CECILY — Esteve, contou-me tudo do pobre senhor Bumbury e da sua terrível doença.

JOHN — Bumbury! Bem, não quero que ele te fale do Bumbury nem seja do que for. Basta para dar com uma pessoa em doida.

ALGERNON — Admito, é claro, que as culpas são todas minhas. Devo, porém, dizer que a frieza do mano John para comigo me dói particularmente. Esperava um acolhimento mais entusiástico, mormente considerando que é a primeira vez que eu aqui venho.

CECILY — Tio John, se não aperta a mão ao Earnest, nunca lhe perdorei.

JOHN — Nunca me perdoarás?

CECILY — Nunca, nunca, nunca!

JOHN — Bem, é esta a última vez que eu lha aperto. (*Aperta a mão a Algernon, fulminando-o com o olhar.*)

CHASUBLE — Dá prazer, não dá, ver uma reconciliação tão perfeita? Acho que seria melhor deixarmos os dois irmãos a sós.

MISS PRISM — Cecily, venha connosco.

CECILY — Sem dúvida, Miss Prism. A minha tarefazinha de reconciliação está terminada.

CHASUBLE — Praticou hoje uma bela acção, minha querida filha.

MISS PRISM — Não devemos ser prematuros nos nossos juízos.

CECILY — Sinto-me muito feliz. (*Saem todos excepto John e Algernon.*)

JOHN — Grande patife, Algy, tens de sair daqui o quanto antes. Não consinto aqui Bumburismos. (*Entra Merriman.*)

MERRIMAN — Pus as coisas do Sr. Earnest no quarto ao lado do senhor. Está bem assim?

JOHN — Quê?

MERRIMAN — A bagagem do senhor Earnest. Pu-la no quarto pegado ao do senhor.

JOHN — A bagagem dele?

MERRIMAN — Sim, senhor. Três malas de viagem, uma mala de mão, duas chapeleiras e uma grande cesta de lanche.

ALGERNON — Receio não poder, desta vez, demorar-me mais de uma semana.

JOHN — Merriman, mande vir o carro imediatamente. O senhor Earnest foi chamado de repente à cidade.

MERRIMAN — Sim, senhor. (*Volta para dentro de casa.*)

ALGERNON — Que mentiroso medonho tu és, John! Eu não fui chamado à cidade.

JOHN — Foste, sim.

ALGERNON — Não ouvi ninguém chamar-me.

JOHN — Chama-te o teu dever de cavalheiro.

ALGERNON — O meu dever de cavalheiro nunca se introme-teu de modo algum nos meus prazeres.

JOHN — Compreendo-o perfeitamente.

ALGERNON — Bom, a Cecily é um amor.

JOHN — Não me fales assim de Miss Cardew. Não gosto.

ALGERNON — Bom, não gosto desse traje. Estás ridículo de todo assim. Por que diabo não vais mudar de fato? É absolutamente pueril andares de luto pesado por um homem que está aqui em tua casa a passar uma semana como teu hóspede. Chamo a isso grotesco.

JOHN — Tu não vais, com certeza, passar uma semana aqui, nem como hóspede meu, nem como coisa nenhuma. Tens de partir... no comboio das quatro e cinco.

ALGERNON — Não, não te deixo enquanto estiveres de luto. Seria um crime de lesa amizade. Se eu estivesse de luto, tu ficarias a fazer-me companhia, suponho. Não te consideraria meu amigo, se não o fizesses.

JOHN — Bem, se eu mudar de fato, vais-te embora?

ALGERNON — Vou, se não te demorares muito. Nunca vi ninguém levar tanto tempo a vestir-se e com tão pouco resultado.

JOHN — Bem, sempre é melhor do que andar como tu, sempre presumido no vestir.

ALGERNON — Se uma vez por outra exagero um pouco no vestuário, compenso-o exagerando também imensamente na educação.

JOHN — A tua vaidade é ridícula, o teu procedimento ultrajante e de todo absurda a tua presença no meu jardim. Tens, porém, de apanhar o comboio das quatro e cinco, e desejo-te muito boa viagem. Desta vez, o teu Bumburismo, como tu dizes, não te correu bem. (*Entra.*)

ALGERNON — Pelo contrário, acho que correu às mil maravilhas. Apaixonei-me pela Cecily, e isso é tudo. (*Entra Cecily ao fundo do jardim. Pega no regador e começa a regar as flores.*) Mas preciso de a ver antes de me ir embora e preparar outro Bumbury. Ah, aí está ela.

CECILY — Oh, vinha regar as rosas. Julguei que estivesse com o tio John.

ALGERNON — Foi dar ordem para o carro me ir buscar.

CECILY — Oh, o tio John vai levá-lo a passear.

ALGERNON — Vai levar-me à estação.

CECILY — Então temos de nos separar?

ALGERNON — Assim parece. É uma dolorosa separação.

CECILY — É sempre doloroso separarmo-nos das pessoas que conhecemos em tão pouco espaço de tempo. Podemos muito bem suportar a ausência dos velhos amigos. Mas a separação momentânea de uma pessoa a quem acabamos de ser apresentados é quase inoportável.

ALGERNON — Obrigado. (*Entra Merriman.*)

MERRIMAN — O carro está à porta, senhor. (*Algernon olha suplicantemente para Cecily.*)

CECILY — O carro pode esperar, Merriman... uns... cinco minutos.

MERRIMAN — Sim, menina. (*Sai Merriman.*)

ALGERNON — Espero, Cecily, que não a ofenda se lhe disser franca e abertamente que é para mim a personificação visível da perfeição absoluta.

CECILY — A sua franqueza, Earnest, enaltece-o muito. Se mo permite, vou copiar as suas palavras no meu diário. (*Vai para a mesa e começa a escrever no diário.*)

ALGERNON — Tem realmente um diário? Daria tudo para o ver. Dá licença?

CECILY — Oh, não! (*Tapa-o com a mão.*) Vê, é simplesmente um livro em que uma rapariguinha regista as suas impressões e os seus pensamentos, destinado, portanto, a ser publicado. Quando aparecer em forma de livro, espero que encomende um exemplar. Mas, Earnest, por favor, continue. Gosto imenso que me ditem. Já cheguei à «perfeição absoluta». Pode continuar. Estou pronta para escrever mais.

ALGERNON (*um tanto surpreso*) — Ahem! Ahem! (*Tosse.*)

CECILY — Oh, não tussa, Earnest. Quando se está a ditar, deve-se falar fluentemente, e não tossir. Além disso, eu não sei como grafar no papel a tosse. (*Escreve à medida que Algernon fala.*)

ALGERNON (*falando muito depressa*) — Cecily, desde que pela primeira vez contemplei a sua maravilhosa e incomparável beleza, ousei amá-la loucamente, apaixonadamente, devotadamente, desesperadamente.

CECILY — Não me parece que deva dizer amar-me loucamente, apaixonadamente, desesperadamente. Desesperadamente não parece fazer lá grande sentido, pois não?

ALGERNON — Cecily! (*Entra Merriman.*)

MERRIMAN — O carro está à espera, senhor.

ALGERNON — Diga-lhe que volte para a semana, à mesma hora.

MERRIMAN (*olha para Cecily, que não faz nenhum sinal*) — Sim, senhor. (*Merriman retira-se.*)

CECILY — O tio John ficaria muito aborrecido se soubesse que o Earnest ficava até à outra semana, à mesma hora.

ALGERNON — Oh, não quero saber do tio John. Não quero saber de ninguém no mundo, a não ser de si. Amo-a, Cecily. Quer casar comigo?

CECILY — Seu tolinho! É claro que quero. Ora essa, há três meses que estamos noivos.

ALGERNON — Há três meses?

CECILY — Sim, faz exactamente três meses na quinta-feira.

ALGERNON — Mas como foi isso?

CECILY — Bem, desde que o tio John nos confessou que tinha um irmão mais novo, que era estróina e perverso, o Earnest ficou, é claro, a ser o assunto capital das conversas entre mim e Miss Prism. E, já se vê, um homem de que se fala muito é sempre bastante atraente. Sentimos que, afinal de contas, deve haver nele alguma coisa. Foi, decerto, tolice minha, mas o facto é que me apaixonei por si, Earnest.

ALGERNON — Meu amor! E desde quando data, então, o nosso noivado?

CECILY — Do dia catorze de Fevereiro. Desesperada já por nem sequer suspeitar da minha existência, resolvi arrumar o caso de qualquer forma, e, após uma longa luta comigo mesma, aceitei-o como meu noivo, aqui, debaixo desta velha e querida árvore. No dia seguinte, comprei este anel em seu nome, e aqui está a pulseirinha com o nó dos namorados que eu lhe prometi usar sempre.

ALGERNON — Eu dei-lhe isto? É muito bonita, não é?

CECILY — É, tem um gosto admirável, Earnest. É a desculpa que eu dou sempre por levar uma vida tão má. E aqui está a caixa em que eu guardo todas as suas queridas cartinhas. (*Ajoelha-se junto da mesa, abre a caixa e tira um maço de cartas atadas com uma fita azul.*)

ALGERNON — Cartas minhas! Mas, minha querida Cecily, eu nunca lhe escrevi carta alguma.

CECILY — Não precisa de mo lembrar, Earnest. Recordo-me perfeitamente de que fui obrigada a escrever estas cartas por si. Escrevia-lhe sempre três vezes por semana, e às vezes mais.

ALGERNON — Oh, deixe-mas ler, Cecily, sim?

CECILY — Oh, não, não posso. Envaidecê-lo-iam muito. (*Torna a pôr a caixa no seu lugar.*) As três que me escreveu

depois de eu ter rompido consigo são tão belas, e têm tantos erros de ortografia, que mesmo agora quase não as posso ler sem chorar um pouco.

ALGERNON — Mas houve, então, rompimento entre nós?

CECILY — Pois houve. No dia vinte e dois de Março. Pode vê-lo, se quiser, anotado no meu Diário. (*Mostra o Diário.*) «Hoje rompi com o Earnest. Sinto que é o melhor que tenho a fazer. O tempo continua encantador.»

ALGERNON — Mas romper porquê? Que fiz eu? Não fiz absolutamente nada. Cecily, magoa-me profundamente saber que rompeu comigo. Demais a mais, com um tempo assim encantador.

CECILY — Para sermos noivos deveras é preciso haver pelo menos um rompimento. Mas ainda não tinha chegado ao fim da semana e já eu lhe tinha perdoado.

ALGERNON (*aproximando-se dela e ajoelhando-se*) — Que perfeito anjo é, Cecily!

CECILY — Seu romântico! (*Ele beija-a, ela passa-lhe os dedos por entre o cabelo.*) Este frisado é natural, não é?

ALGERNON — É, sim, querida, com uma ajudazinha de outros.

CECILY — Folgo tanto.

ALGERNON — Agora nunca mais rompe comigo, Cecily?

CECILY — Agora que realmente o encontrei, não me parece que possa romper. Além disso, é claro, há a questão do seu nome.

ALGERNON — Ah, sim, é claro. (*Nervosamente.*)

CECILY — Não se ria de mim, queridinho, mas foi sempre o meu sonho amar um homem que se chamasse Earnest. (*Algernon levanta-se, Cecily também.*) Há nesse nome alguma coisa que inspira absoluta confiança. Lastimo toda a mulher cujo marido não se chame Earnest.

ALGERNON — Mas, minha querida, quer dizer que não poderia amar-me se o meu nome fosse outro?

CECILY — Mas que nome?

ALGERNON — Oh, qualquer nome... Algernon... por exemplo.
CECILY — Não gosto desse nome.

ALGERNON — Bem, minha querida, meu doce amor, realmente não vejo por que não há-de gostar do nome Algernon. Não é mau nome. Tem, até, o seu quê de aristocrático. Metade dos frequentadores do Tribunal de Falências chamam-se Algernon. Mas, seriamente, Cecily... (*Aproximando-se dela.*) Se eu me chamasse Algy, não me poderia amar?

CECILY (*levantando-se*) — Poderia respeitá-lo, Earnest, poderia admirar o seu carácter, mas receio que não pudesse dar-lhe a minha total atenção.

ALGERNON (*tosse*) — Ahem! Cecily! (*Pegando no chapéu.*) O reitor daqui é, supponho, muito prático em todos os ritos e todas as cerimónias da Igreja, não?

CECILY — Oh, é sim. O Dr. Chasuble é um homem muito instruído. Ainda não escreveu um único livro, por isso pode imaginar quão grande é o seu saber.

ALGERNON — Devo ir falar-lhe imediatamente sobre um importantíssimo baptizado, quero dizer um importantíssimo assunto.

CECILY — Oh!

ALGERNON — Não me demorei mais de meia hora.

CECILY — Considerando que estamos noivos desde o dia catorze de Fevereiro, e que foi hoje a primeira vez que nos encontramos, acho um pouco duro deixar-me por um espaço de tempo tão grande — meia hora! Não poderia reduzi-lo a vinte minutos?

ALGERNON — Não me demoro nada. (*Beija-a e larga a correr pelo jardim fora.*)

CECILY — Que rapaz impetuoso! Gosto tanto do cabelo dele! Devo apontar no diário o seu pedido de casamento. (*Entra Merriman.*)

MERRIMAN — Está ali uma tal Miss Fairfax que deseja falar ao senhor Worthing. Diz que é por causa de um assunto importante.

CECILY — O senhor Worthing não está na biblioteca?

MERRIMAN — O senhor Worthing saiu, há algum tempo, na direcção da Reitoria.

CECILY — Peça a essa senhora o favor de vir para aqui, o senhor Worthing não deve tardar. E pode trazer o chá.

MERRIMAN — Sim, menina. (*Sai.*)

CECILY — Miss Fairfax! Deve ser uma dessas velhotas que andam associadas com o tio John em alguma das suas obras filantrópicas. Acho que é querer dar muito nas vistas. (*Entra Merriman.*)

MERRIMAN — Miss Fairfax. (*Entra Gwendolen.* *Sai Merriman.*)
CECILY (*avançando ao seu encontro*) — Permita-me que eu própria me apresente. Sou Cecily Cardew.

GWENDOLEN — Cecily Cardew? (*Aproximando-se e apertando-lhe a mão.*) Que belo nome! Alguma coisa me diz que vamos ser grandes amigas. Já estou a gostar de si mais do que posso dizer. As minhas primeiras impressões das pessoas nunca falham.

CECILY — Como é gentil em gostar tanto de mim, tendo-nos conhecido só há tão pouco tempo! Faça o favor de se sentar.

GWENDOLEN (*ainda de pé*) — Permita-me que lhe chame Cecily?

CECILY — Com todo o prazer!

GWENDOLEN — E chamar-me-á a mim sempre Gwendolen?

CECILY — Se assim o desejar.

GWENDOLEN — Está então combinado?

CECILY — Assim espero. (*Uma pausa. Sentam-se juntas.*)

GWENDOLEN — Talvez seja a ocasião propícia para eu lhe explicar quem sou. Meu pai é Lord Bracknell. Nunca ouviu falar do papá, pois não?

CECILY — Creio que não.

GWENDOLEN — Fora do âmbito familiar, o papá, folgo em dizê-lo, é absolutamente desconhecido. Penso que é assim mesmo que deve ser. O lar parece-me ser a esfera própria para o

homem. E, com certeza, uma vez que um homem começa a menosprezar os seus deveres domésticos torna-se lamentavelmente efeminado, não é verdade? E eu não gosto disso. Torna os homens tão atraentes. Cecily, a mamã, cujas ideias sobre a educação são notavelmente estritas, educou-me de maneira a eu ser extremamente míope, faz parte do seu sistema, por isso não repara que eu a observe através da minha luneta?

CECILY — Oh! de maneira nenhuma, Gwendolen. Gosto até muito de ser observada.

GWENDOLEN (*depois de examinar Cecily cuidadosamente através de uma lorgnette*) — Está aqui de visita, não?

CECILY — Oh, não! Moro aqui.

GWENDOLEN (*asperamente*) — Deveras? Sua mãe, sem dúvida, ou alguma parente de idade, reside cá também?

CECILY — Oh, não! Não tenho mãe, nem parentes.

GWENDOLEN — Não?

CECILY — O meu querido tutor, com a ajuda de Miss Prism, tem o árduo encargo de olhar por mim.

GWENDOLEN — O seu tutor?

CECILY — Sim, eu sou pupila do senhor Worthing.

GWENDOLEN — Oh! É estranho ele nunca me ter dito que tinha uma pupila. Que homem tão reservado! Torna-se de hora para hora mais interessante. Não tenho, porém, a certeza de que a notícia me inspire sentimentos de absoluto prazer. (*Levantando-se e indo para junto dela.*) Gosto muito de si, Cecily, fiquei a gostar de si desde o primeiro momento! Mas sou obrigada a dizer que, agora que eu sei que é pupila do senhor Worthing, não posso deixar de exprimir o desejo de que a Cecily fosse... bem, fosse um bocadinho mais velha do que parece ser... e não fosse assim tão sedutora. De facto, se me permite falar sinceramente..

CECILY — Fale, por favor! Penso que, sempre que uma pessoa tem alguma coisa desagradável a dizer, deve ser totalmente sincera.

GWENDOLEN — Bem, para falar com perfeita sinceridade, Cecily, desejava que tivesse quarenta e dois anos bem puxados e fosse mais feia do que o habitual na sua idade. O Earnest é de um carácter íntegro e austero. É a própria encarnação da verdade e da honra. Seria para ele tão impossível ser desleal como enganar alguém. Mas até os homens da mais nobre ténpera moral são extremamente susceptíveis à influência dos encantos físicos dos outros. A História moderna, não menos do que a antiga, fornece-nos muitos e dolorosos exemplos daquilo a que me refiro. Se assim não fosse, a História seria absolutamente ilegível.

CECILY — Peço perdão, Gwendolen, mas falou em Earnest?

GWENDOLEN — Falei, sim.

CECILY — Oh, mas, o meu tutor não é o senhor Earnest Worthing. É o irmão — o irmão mais velho.

GWENDOLEN (*tornando a sentar-se*) — O Earnest nunca me disse que tinha um irmão.

CECILY — Sinto muito dizer-lhe que há muito que não se dão bem.

GWENDOLEN — Ah! Está explicado. E agora que eu penso nisso, nunca ouvi nenhuma alusão a esse irmão. O assunto parece desagradável à maior parte dos homens. Cecily, aliviou-me a alma de um grande peso. Estava já a ficar inquieta. Teria sido terrível, se alguma nuvem toldasse uma amizade como a nossa, não é verdade? É claro, que a Cecily tem a certeza, a certeza absoluta, de que o seu tutor não é o senhor Earnest Worthing?

CECILY — A certeza absoluta. (*Uma pausa.*) Eu é que vou ser dele.

GWENDOLEN (*ansiosa por saber*) — Como?

CECILY (*com certa timidez e em jeito de confidência*) — Querida Gwendolen, não há razão para eu fazer disto segredo para si. O jornalzinho cá da terra há-de, com certeza, para a semana, publicar a notícia. Eu e o senhor Earnest Worthing vamos casar.

GWENDOLEN (*com toda a delicadeza, levantando-se*) — Minha querida Cecily, deve haver nisso um leve equívoco. O senhor Worthing é meu noivo. A notícia aparecerá no *Morning Post*, sábado, o mais tardar.

CECILY (*com toda a delicadeza, levantando-se*) — Deve haver um mal-entendido. Há precisamente dez minutos que o Earnest me propôs casamento. (*Mostra o Diário.*)

GWENDOLEN (*examina cuidadosamente o Diário com a lorgnette*) — Sem dúvida, muito curioso, pois ele pediu-me que casasse com ele, ontem às cinco e meia da tarde. Se quiser verificar, tenha a bondade. (*Apresenta-lhe o seu Diário.*) Nunca viajo sem o meu Diário. Deve-se ter sempre alguma coisa sensacional para ler no comboio. Sinto muito, querida Cecily, se a contrario, mas tenho o direito de prioridade.

CECILY — Penalizar-me-ia mais do que posso dizer, querida Gwendolen, se isso for para si um motivo de qualquer sofrimento moral ou físico, mas sinto-me forçada a dizer-lhe que, desde que o Earnest lhe propôs casamento, mudou evidentemente de ideias.

GWENDOLEN (*meditativamente*) — Se o pobre caiu em alguma armadilha para fazer qualquer promessa insensata, considerei dever meu salvá-lo imediatamente, e com mão firme.

CECILY (*pensativa e tristemente*) — Seja qual for a desgraça da esparrela em que tenha caído, nunca por isso o censurarei, depois de casados.

GWENDOLEN — Falando de esparrela, Miss Cardew, quer referir-se a mim? Que presunção! Numa ocasião destas, torna-se mais do que um dever moral dizer o que se tem no pensamento. Torna-se um prazer.

CECILY — Sugere, Miss Fairfax, que eu me servi de alguma armadilha para prender o Earnest? Como ousa? Não é agora ocasião para compor a máscara das maneiras. Quando vejo uma pá, chamo-lhe uma pá.

GWENDOLEN (*satiricamente*) — Tenho muito gosto em dizer-lhe que nunca vi uma pá. É manifesto que as nossas esferas

sociais são imensamente diferentes. (*Entra Merriman seguido de um criado. Traz uma salva, a toalha e a bandeja. Cecily vai a retorquir, porém, a presença dos servos exerce uma influência inibitória, sob a qual as duas raparigas ficam furiosas.*)

MERRIMAN — Sirvo o chá aqui, como de costume, menina? CECILY (*rispidamente, com uma voz calma*) — Sim, como de costume. (*Merriman começa a arrumar as coisas que estão em cima da mesa e a pôr a toalha. Longo silêncio. Cecily e Gwendolen fulminam-se uma à outra com o olhar.*)

GWENDOLEN — Há por aqui passeios interessantes, Miss Cardew?

CECILY — Oh! Muitos! Do alto de um dos montes, mesmo aqui próximo, podem ver-se cinco condados.

GWENDOLEN — Cinco condados! Parece-me que não gostaria disso, detesto as multidões.

CECILY (*docemente*) — E é decerto por isso que mora na cidade? (*Gwendolen morde o lábio, e bate nervosamente no pé com a sombrinha.*)

GWENDOLEN (*olhando em volta*) — Que jardim tão bem tratado, Miss Cardew!

CECILY — Estimo muito que lhe agrade, Miss Fairfax.

GWENDOLEN — Não pensava que no campo houvesse flores.

CECILY — Oh, as flores aqui são tão vulgares, Miss Fairfax, como é vulgar a gente em Londres.

GWENDOLEN — Pessoalmente, não posso compreender como alguém consegue existir no campo, se é que alguém que seja alguém aqui exista. O campo para mim é uma maçada mortal.

CECILY — Ah! É o que os jornais chamam depressão agrícola, não é? Creio que a aristocracia está actualmente a sofrer muito disso. É quase nela uma epidemia, disseram-me. Permite-me que lhe ofereça uma chávena de chá, Miss Fairfax?

GWENDOLEN (*com afectada delicadeza*) — Obrigada. (*Aparte.*) Detestável rapariga! Mas estou a precisar do chá.

CECILY (*docemente*) — Açúcar?

GWENDOLEN (*sobranceiramente*) — Não, obrigada. O açúcar já não está na moda. (*Cecily olha, iradamente, para ela, pega na pinça e deita-lhe na chávena quatro pedaços de açúcar.*)

CECILY (*duramente*) — Bolo ou pão com manteiga?

GWENDOLEN (*de um modo muito enfadado*) — Pão com manteiga, faz favor. Nas casas melhores, hoje é raro ver-se bolo.

CECILY (*corta uma grande fatia de bolo e põe-na na bandeja*) — Passe isso a Miss Fairfax. (*Merriman faz o que lhe é mandado e em seguida sai com o criado. Gwendolen toma o chá e faz uma caretta. Pousa imediatamente a chávena, estende a mão para o pão com manteiga, olha e vê que é bolo. Levanta-se, indignada.*)

GWENDOLEN — Encheu-me a chávena de pedaços de açúcar, e, apesar de eu lhe ter pedido bastante claramente pão com manteiga, deu-me bolo. Sou conhecida pelo meu bom génio e pela extraordinária brandura do meu temperamento, mas previno-a, Miss Cardew, não vá longe de mais.

CECILY (*levantando-se*) — Para salvar o meu pobre inocente e ingénuo rapaz de maquinações de qualquer outra rapariga irei onde for preciso.

GWENDOLEN — Logo que a vi, desconfiei de si. Senti que era falsa e intriguista. Nestas coisas nunca me engano. As minhas primeiras impressões das pessoas acertam sempre.

CECILY — Parece-me, Miss Fairfax, que lhe estou a usurpar o seu valioso tempo. Sem dúvida, tem muitas outras visitas a fazer de carácter idêntico por estas redondezas. (*Entra John.*)

GWENDOLEN (*dando com os olhos nele*) — Earnest! Meu Earnest!

JOHN — Gwendolen! Minha querida! (*Dispõe-se a beijá-la.*)

GWENDOLEN (*recuando*) — Um momento! Permite-me que lhe pergunte se prometeu casamento a esta menina? (*Aponta para Cecily.*)

JOHN (*rindo*) — A querida Cecilinha! Já se vê que não! Como veio tal ideia a essa linda cabecinha?

GWENDOLEN — Obrigada. Agora pode! (*Oferece a face.*)

CECILY (*muito docemente*) — Eu sabia que devia haver qual-quer equívoco, Miss Fairfax. O cavalheiro cujo braço está agora à volta da sua cintura é o meu caro tutor, o senhor John Worthing.

GWENDOLEN — Como?

CECILY — Este é o tio John.

GWENDOLEN (*recuando*) — John! Oh! (*Entra Algernon.*)

CECILY — Aqui está o Earnest.

ALGERNON (*vai direito a Cecily sem reparar em mais ninguém*) — Meu amor! (*Dispõe-se a beijá-la.*)

CECILY (*recuando*) — Um momento, Earnest! Permite-me que lhe pergunte se prometeu casamento a esta menina?

ALGERNON (*olhando em volta*) — A que menina? Deus do céu! Gwendolen!

CECILY — Sim, Deus do céu! A Gwendolen, refiro-me a Gwendolen.

ALGERNON (*rindo*) — É claro que não! Como veio tal ideia a essa linda cabecinha?

CECILY — Obrigada! (*Oferecendo a face ao beijo.*) Agora pode! (*Algernon beija-a.*)

GWENDOLEN — Senti que havia algum ligeiro equívoco, Miss Cardew. O cavalheiro que está agora a abraçá-la é o meu primo, o senhor Algernon Moncrieff.

CECILY (*desatando-se dos braços de Algernon*) — Algernon Moncrieff! Oh! (*As duas raparigas correm uma para a outra, como que para reciprocamente se protegerem.*) Chama-se Algernon?

ALGERNON — Não posso negá-lo.

CECILY — Oh!

GWENDOLEN — O seu nome é realmente John?

JOHN (*um tanto altaneiramente*) — Podia negá-lo, se quisesse. Podia negar tudo, se me aprouvesse. Mas o meu nome é, efectivamente, John. Há muitos anos que assim me chamo.

CECILY (*para Gwendolen*) — Fomos ambas grosseiramente enganadas.

- GWENDOLEN — Minha pobre e ferida Cecily!
- CECILY — Minha doce Gwendolen, para quem fui tão injusta!
- GWENDOLEN (*lenta e seriamente*) — Vai, daqui por diante, chamar-me irmã, sim? (*Abraçam-se. John e Algernon, resmungando, passeiam-se para trás e para diante.*)
- CECILY (*com certa vivacidade*) — Há só uma pergunta que eu gostava que me fosse permitido fazer ao meu tutor.
- GWENDOLEN — Admirável ideia! Senhor Worthing, há só uma pergunta que eu gostava que me permitisse fazer-lhe. Onde está o seu irmão Earnest? Estamos ambas noivas do seu irmão Earnest, por isso interessa-nos saber onde se encontra actualmente o seu irmão Earnest.
- JOHN (*lenta e hesitadamente*) — Gwendolen, Cecily, é para mim muito doloroso ser forçado a dizer-lhes a verdade. É a primeira vez na minha vida que me vejo reduzido a tão penosa situação, e não tenho, na verdade, prática absolutamente alguma destas coisas. Todavia, dir-lhes-ei com toda a franqueza que não tenho nenhum irmão Earnest. Não tenho até irmão nenhum. Nunca na minha vida tive um irmão, e, já agora, não tenho a mínima intenção de o vir a ter.
- CECILY (*surpreendida*) — Não tem irmão nenhum?
- JOHN (*jovialmente*) — Nenhum!
- GWENDOLEN (*rispidamente*) — Nunca teve irmão de qualidade alguma?
- JOHN (*prazenteiramente*) — Nunca. De qualidade alguma.
- GWENDOLEN — Parece-me bastante evidente, Cecily, que nenhuma de nós está noiva de ninguém.
- CECILY — Não é uma situação agradável para uma rapariga. Ver-se assim de repente sem noivo...
- GWENDOLEN — Vamos lá para dentro. Eles não terão a coragem de vir atrás de nós.
- CECILY — Não, os homens são tão cobardes, não são? (*Entram. Levam no olhar uma expressão de desprezo.*)

- JOHN — É a isto que tu chamas Bumburismo, não?
- ALGERNON — É, e que admirável Bumburismo! O Bumburismo mais admirável de toda a minha vida.
- JOHN — Bem, tu não tens direito absolutamente nenhum de *bumburizar* aqui.
- ALGERNON — Isso é absurdo. Um homem tem o direito de *bumburizar* onde lhe apetecer. Todo o bumburista sério o sabe.
- JOHN — Bumburista sério! Santo Deus!
- ALGERNON — Bem, é preciso ser sério em alguma coisa, se se quer ter algum divertimento na vida. Eu cá sou sério no Bumburismo. Em que é que tu és sério é que eu não tenho a mais remota ideia. Em tudo, talvez. És de uma natureza tão absolutamente trivial.
- JOHN — Bem, a única satisfaçãozinha que eu tenho em toda esta malfadada questão é que o teu amigo Bumbury explodiu, acabou de vez. Nunca mais poderás dar uma fugida ao campo como até aqui, meu caro Algy. E é bom.
- ALGERNON — O teu irmão está um pouco desbotado, não está querido John? Não poderás ir agora a Londres tantas vezes como costumavas. E também não é mau.
- JOHN — Quanto ao teu procedimento para com Miss Cardew, devo dizer que é absolutamente indesculpável teres enganado uma rapariga, doce, simples e inocente como esta. Não falando já do facto de ser minha pupila.
- ALGERNON — Não me parece que haja defesa absolutamente alguma para o facto de tu iludires uma menina tão distinta, tão inteligente e com tanta prática da vida como Miss Fairfax. Não falando já do facto de ser minha prima.
- JOHN — Queria casar com a Gwendolen, nada mais. Amo-a.
- ALGERNON — Bem, eu queria casar com a Cecily. Adoro-a.
- JOHN — Com certeza não casas com Miss Cardew.
- ALGERNON — Não vejo grande probabilidade, John, de tu casares com Miss Fairfax.
- JOHN — Isso não é nada contigo.

ALGERNON — Se fosse não falaria disso. (*Começa a comer sonhos.*) É muito vulgar falar das vidas alheias. Só gente da laia dos corretores da Bolsa é que faz isso, e é só nos jantares.

JOHN — Como tu podes estar aí sossegadamente sentado a comer sonhos, quando estamos metidos numa enrascadela medonha, é que eu não posso compreender. Parece-me absolutamente insensível.

ALGERNON — Bem, eu não posso comer sonhos excitadamente. Podia-me cair a manteiga nos punhos. Isto deve-se comer sempre com toda a calma.

JOHN — Digo que revelas insensibilidade comendo sonhos, nesta ocasião, seja de que modo for.

ALGERNON — Quando tenho alguma coisa que me preocupa, a única coisa que me consola é comer. Efectivamente, como todos os que intimamente me conhecem te dirão, quando estou deveras mortificado, recuso tudo excepto comer e beber. No momento presente como sonhos porque me sinto infeliz. Além disso, gosto imenso de sonhos. (*Levanta-se.*)

JOHN (*levanta-se*) — Bem, isso não é razão para os comeres todos com essa sofreguidão. (*Tira os sonhos a Algermon.*)

ALGERNON (*oferecendo bolo de chá*) — Antes queria que comesses bolo. Não gosto de bolo de chá.

JOHN — Deus do céu! Suponho que um homem pode comer os seus sonhos no seu jardim.

ALGERNON — Mas acabas de dizer que é dar provas de insensibilidade comer sonhos.

JOHN — Disse que tu é que davas provas de insensibilidade comendo-os nas actuais circunstâncias. É muito diferente.

ALGERNON — Talvez. Mas os sonhos é que são os mesmos. (*Tira o prato dos sonhos a John.*)

JOHN — Algy, o que eu queria é que te fosses embora.

ALGERNON — Tu não podes pedir-me que me vá embora sem jantar. É absurdo. Eu nunca saio sem jantar. Ninguém sai sem jantar, a não ser os vegetarianos e quejandos. Além disso,

combinei com o Dr. Chasuble baptizar-me às seis menos um quarto com o nome Earnest.

JOHN — Meu caro, quanto mais depressa te deixares dessas tolices, melhor. Eu combinei com o Dr. Chasuble baptizar-me às cinco e meia, e receberei naturalmente o nome Earnest. É o desejo da Gwendolen. Não podemos ficar ambos com o mesmo nome. É absurdo. Além disso, eu tenho todo o direito de ser baptizado como me aprouver. Não há prova alguma de ter sido jamais baptizado. Acho até muito provável nunca o ter sido, e o Dr. Chasuble é da mesma opinião. O teu caso é muito diferente. Tu já foste baptizado.

ALGERNON — Sim, mas há anos que não me baptizo.

JOHN — Sim, mas foste baptizado. Isso é que importa.

ALGERNON — Perfeitamente. Mas eu sei que a minha constituição pode aguentar. Se tu não tens a certeza absoluta de já teres sido baptizado, devo dizer-te que acho bastante perigoso arriscares-te a isso agora. Podia fazer-te muito mal. Não te deves esquecer que alguém muito intimamente ligado a ti esteve quase a ser levado esta semana por um valente resfriado em Paris.

JOHN — Sim, mas tu disseste que os resfriados não são hereditários.

ALGERNON — Não eram dantes, eu sei, mas são-no agora. A ciência está sempre a fazer descobertas maravilhosas.

JOHN (*pegando no prato dos sonhos*) — Oh, isso é um disparate, estás sempre a dizer disparates.

ALGERNON — John, lá estás tu outra vez com os sonhos! Deixa isso! Só restam dois. (*Pega neles.*) Disse-te que gostava imenso de sonhos.

JOHN — Mas eu detesto o bolo de chá.

ALGERNON — Então porque é que consentes que sirvam bolo de chá às tuas visitas? Que ideias tu tens de hospitalidade!

JOHN — Algermon! Já te disse que te fosses embora. Não te quero aqui. Por que não te vais embora?

ALGERNON — Ainda não acabei o meu chá!, e ainda aqui há um sonho. (*John resmunga, e deixa-se cair numa cadeira. Algernon continua a comer.*)

CAI O PANO

TERCEIRO ACTO

Cena: sala de manhã na Manor House.

Gwendolen e Cecily estão à janela, a olhar para o jardim.

GWENDOLEN — O facto de eles não terem vindo logo atrás de nós, como quaisquer outros teriam feito, parece-me mostrar que ainda lhes resta um pouco de vergonha.

CECILY — Têm estado a comer sonhos. É como um arrependimento.

GWENDOLEN (*após uma pausa*) — Parece que nem sequer dão pela nossa presença aqui. Não podia tossir?

CECILY — Mas não ando com tosse.

GWENDOLEN — Estão a olhar para nós. Que descaramento!

CECILY — Vêm aí. São muito atrevidos.

GWENDOLEN — Conservemos um silêncio digno.

CECILY — Decerto. Não há outra coisa a fazer agora. (*Entra John, seguido de Algernon. Assobiam uma horrível ária popular tirada de uma ópera britânica.*)

GWENDOLEN — Este silêncio digno parece produzir um desagradável efeito.

CECILY — Que péssimo gosto!

GWENDOLEN — Mas não seremos nós quem há-de falar primeiro.

CECILY — Com certeza.

GWENDOLEN — Senhor Worthing, tenho uma coisa particular a perguntar-lhe. Muita coisa depende da sua resposta.

CECILY — Gwendolen, o seu bom senso é inestimável. Senhor Moncrieff, responda, por favor, à seguinte pergunta: por que fingiu ser irmão do meu tutor?

ALGERNON — Para ter uma oportunidade de me encontrar consigo.

CECILY (*para Gwendolen*) — Parece uma explicação satisfatória, não?

GWENDOLEN — Sim, querida, se é que pode acreditar nele.

CECILY — Não acredito. Isso, porém, não afecta a admirável beleza da sua resposta.

GWENDOLEN — É verdade. Em questões desta importância, o estílo, e não a sinceridade, é a coisa vital. Senhor Worthing, que explicação me pode fornecer para o facto de fingir ter um irmão? Era para ter ocasião de vir à cidade visitar-me tantas vezes quantas fosse possível?

JOHN — Pode pô-lo em dúvida, Miss Fairfax?

GWENDOLEN — Tenho as mais graves dúvidas sobre isso. Mas tenciono esmagá-las. Não é agora ocasião para o cepticismo germânico. (*Dirigindo-se para Cecily.*) As explicações deles parecem bastante satisfatórias, especialmente a do senhor Worthing. Essa parece-me ter estampado o cunho da verdade.

CECILY — A mim satisfaz-me mais o que disse o senhor Moncrieff. Só a sua voz inspira credulidade absoluta.

GWENDOLEN — Então entende que lhes devemos perdoar?

CECILY — Sim. Quero dizer, não.

GWENDOLEN — É verdade! Tinha-me esquecido. Há princípios em jogo de que não se pode abdicar. Qual de nós lhes dirá? Não é tarefa agradável.

CECILY — Não poderíamos ambas falar ao mesmo tempo?

GWENDOLEN — Excelente ideia! Eu falo quase sempre ao mesmo tempo que as outras pessoas. Quer que eu dê o sinal?

CECILY — Sem dúvida. (*Gwendolen marca o compasso com o dedo erguido.*)

GWENDOLEN E CECILY (*falando ao mesmo tempo*) — Os vossos nomes de baptismo são ainda uma barreira insuperável. É tudo.

JOHN E ALGERNON (*falando ao mesmo tempo*) — Os nossos nomes de baptismo! Só isso? Mas nós vamos-nos baptizar esta tarde.

GWENDOLEN (*para John*) — Por minha causa, está disposto a fazer essa coisa terrível?

JOHN — Estou.

GWENDOLEN (*para Algernon*) — Para me agradar, está determinado a enfrentar esse horrando suplício?

ALGERNON — Estou!

GWENDOLEN — Que absurdo falar de igualdade dos sexos! Em questões que implicam sacrifício pessoal, os homens são-nos infinitamente superiores.

JOHN — Somos, sim. (*John e Algernon apertam as mãos.*)

CECILY — Têm momentos de coragem física que nós as mulheres desconhecemos absolutamente.

GWENDOLEN (*para John*) — Meu amor!

ALGERNON (*para Cecily*) — Meu amor! (*Caem nos braços uns dos outros. Entra Merriman. Ao entrar, vendo a situação, tosse com força.*)

MERRIMAN — Ahem! Ahem! Lady Bracknell!

JOHN — Deus do céu! (*Entra Lady Bracknell. Os pares, apalhados de surpresa, separam-se rapidamente. Sai Merriman.*)

LADY BRACKNELL — Gwendolen! Que significa isto?

GWENDOLEN — Apenas que vou casar com o senhor Worthing, mamã.

LADY BRACKNELL — Vem cá. Senta-te imediatamente. Uma hesitação de qualquer espécie é um indício de decadência mental nos jovens e de fraqueza física nos velhos. (*Volta-se para John.*) Informada, senhor, da súbita fuga da minha filha pela sua fiel criada, cuja confiança paguei com umas moedazitas, segui-a imediatamente num comboio de mercadorias. Seu infeliz pai está, folgo em dizê-lo, sob a impressão de que ela está a assistir a uma conferência, mais longa do que de costume, da Extensão Universitária sobre a Influência de um imposto permanente

sobre o Pensamento. Não tenciono desenganá-lo. Efectivamente, nunca o desenganei em questão alguma. Consideraria isso um erro. Mas, é claro, o senhor compreenderá claramente que, a partir deste momento, toda a comunicação entre o senhor e a minha filha deve cessar imediatamente. Neste ponto, assim como em todos os pontos, sou firme.

JOHN — Eu vou casar com Gwendolen, Lady Bracknell!

LADY BRACKNELL — Não vai nada, senhor. E agora, quanto a Algernon... Algernon!

ALGERNON — Tia Augusta!

LADY BRACKNELL — Posso perguntar-te se é nesta casa que reside o teu amigo inválido, o senhor Bumbury?

ALGERNON (*gaguejando*) — Oh! Não! O Bumbury não mora aqui. O Bumbury está noutra sítio actualmente. Na verdade, o Bumbury morreu.

LADY BRACKNELL — Morreu! Quando morreu o senhor Bumbury? Deve ter sido uma morte extremamente súbita.

ALGERNON (*aereamente*) — Oh! Eu matei o Bumbury esta tarde. Quero dizer, o Bumbury morreu esta tarde.

LADY BRACKNELL — De que morreu?

ALGERNON — O Bumbury? Oh, de uma explosão.

LADY BRACKNELL — Explosão! Foi vítima de algum atentado revolucionário? Não sabia que o senhor Bumbury se interessava pela legislação social. Sendo assim, é bem punido pela sua morbidez.

ALGERNON — Minha querida tia Augusta, o que quero dizer é que ele foi vítima de uma descoberta — os médicos descobriram que o Bumbury não podia viver, é isso que eu quero dizer — por isso o Bumbury morreu.

LADY BRACKNELL — Parece que ele confiava de mais na opinião dos médicos. Folgo muito, porém, que ele se tenha por fim decidido a fazer alguma coisa, e tenha seguido os conselhos clínicos. E agora que finalmente estamos livres do senhor Bumbury, posso perguntar-lhe, senhor Worthing, quem é aquela

menina cuja mão o meu sobrinho Algernon está a segurar de um modo que me parece peculiarmente desnecessário?

JOHN — Aquela senhora é a minha pupila, Miss Cecily Cardew. (*Lady Bracknell baixa friamente a cabeça a Cecily.*)

ALGERNON — Vou casar com a Cecily, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Quê?

CECILY — O senhor Moncrieff e eu vamos casar, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL (*com um arripio, indo sentar-se no sofá*)

— Não sei se há alguma coisa particularmente excitante no ar deste recanto de Hertfordshire, mas o número de casamentos aqui planeados parece-me exceder consideravelmente a média apontada pelas estatísticas para nosso governo. Penso que não seria descabida uma investigação preliminar da minha parte, Senhor Worthing. Miss Cardew não tem nenhuma ligação com alguma das maiores estações de Londres? Desejava apenas informar-me. Até ontem eu ignorava absolutamente que houvesse famílias ou pessoas cuja origem fosse um Términos. (*John fica furioso, mas contém-se.*)

JOHN (*numa voz clara e fria*) — Miss Cardew é neta do falecido senhor Thomas Cardew, da Praça Belgrave, número cento e quarenta e nove; Gervase Park, Dorking, Surrey e The Sporrin, Fifeshire.

LADY BRACKNELL — Está bem. Três endereços inspiram sempre confiança, mesmo no comércio. Mas que prova tenho eu da sua autenticidade?

JOHN — Conservei cuidadosamente os anuários da época. Estão à sua disposição, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL (*com aspereza*) — Soube de estranhos erros nessa publicação.

JOHN — Os sollicitadores da família de Miss Cardew são os senhores Markby, Markby e Markby.

LADY BRACKNELL — Markby, Markby e Markby? Uma firma da mais alta respeitabilidade. Ouvi dizer que um dos senhores

Markby aparece muitas vezes em jantares. Até aqui estou satisfeita.

JOHN (*irritadíssimo*) — É muito amável, Lady Bracknell! Tenho também em meu poder, terá a bondade de ouvir, certidões do nascimento, do baptismo, atestados de coqueluche, do registro, da vacina da confirmação e do sarampo de Miss Cardew.

LADY BRACKNELL — Ah! Uma vida acidentada, estou a ver, embora talvez demasiado excitante para uma rapariga. Cá por mim, não sou a favor de experiências prematuras. (*Levantá-se, consulta o relógio.*) Gwendolen! São horas de nos irmos embora. Não temos um instante a perder. Por mera formalidade, senhor Worthing, queria perguntar-lhe se Miss Cardew tem alguma fortunazita?

JOHN — Oh! Umhas cento e trinta mil libras em fundos públicos. Só isso. Adeus, Lady Bracknell. Muito prazer em vê-la.

LADY BRACKNELL (*torna a sentar-se*) — Um momento, senhor Worthing. Cento e trinta mil libras! E em fundos públicos! Miss Cardew parece-me uma menina encantadora, agora que a vejo melhor. Poucas meninas dos nossos dias têm predicados deveras sólidos, desses predicados que duram e se aperfeçoam com o tempo. Nós vivemos, pesa-me dizê-lo, numa época de superficialidades. (*Para Cecily.*) Venha cá, minha querida. (*Cecily aproxima-se.*) Linda menina! O seu vestido é tristemente simples, e o seu cabelo parece quase como a Natureza o deu. Mas nós em breve modificaremos isso tudo. Uma francesinha, hábil e com grande prática, opera maravilhas em pouco tempo. Lembro-me de que recomendei uma a Lady Lancing, e daí a três meses já o marido não a conhecia.

JOHN — E daí a seis meses já não a conhecia ninguém.

LADY BRACKNELL (*Encara John por uns momentos. Depois inclina-se com um sorriso artificial, para Cecily.*) — Tenha a bondade de se virar, linda menina. (*Cecily dá uma volta completa.*) Não, quero vê-la de lado. (*Cecily mostra-se de perfil.*) Sim, tal qual o que eu esperava. Há no seu perfil distintas possibilidades

sociais. Os dois pontos fracos da nossa época são falta de princípios e falta de perfil. O queixo é um pouquinho mais alto, queirida. O estilo depende muito do modo como se traz o queixo. Actualmente, a moda é trazê-lo muito alto. Algermon!

ALGERNON — Tia Augusta!

LADY BRACKNELL — Há distintas possibilidades sociais no perfil de Miss Cardew.

ALGERNON — Cecily é a mais doce, a mais querida, a rapariga mais bonita do mundo inteiro. E não me importo absolutamente nada com as possibilidades sociais.

LADY BRACKNELL — Nunca fales desrespeitosamente da sociedade, Algermon. Só quem não pode entrar nela é que fala assim. (*Para Cecily.*) Querida filha, é claro que sabe que o Algermon não tem senão dívidas. Mas eu não aprovo casamentos mercenários. Quando casei com Lord Bracknell, eu não tinha fortuna de espécie nenhuma. Nunca porém, nem por um momento, isso me preocupou. Bom, suponho que devo dar o meu consentimento.

ALGERNON — Obrigada, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Cecily, pode beijar-me!

CECILY (*beijá-a*) — Obrigada, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL — Daqui por diante também pode tratar-me por tia Augusta.

CECILY — Obrigada, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Era melhor, penso eu, não demorar o casamento.

ALGERNON — Obrigado, tia Augusta.

CECILY — Obrigada, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Para falar francamente, não sou partidária de longos noivados. Dão aos noivos as oportunidades descobrirem o carácter um do outro antes do casamento, o que me parece inconveniente.

JOHN — Peço perdão por a interromper, Lady Bracknell, mas este casamento não pode ir por diante. Eu sou o tutor de Miss

Cardew, e ela não pode casar sem o meu consentimento enquanto não atingir a maioridade. Esse consentimento recuso-me a dá-lo.

LADY BRACKNELL — Com que fundamento, permite que lhe pergunte? O Algernon é um rapaz extremamente, quase posso dizer esplendorosamente, elegível. Não tem nada, mas é um rapaz distintíssimo. Qué mais se pode desejar?

JOHN — É-me muito difícil ter de lhe falar francamente, Lady Bracknell, acerca do seu sobrinho, mas o facto é que não me agrada o seu carácter moral. Desconfio de que é mentiroso. (*Algernon e Cecily olham para ele com indignado pasmo.*)

LADY BRACKNELL — Mentiroso! O meu sobrinho Algernon? Impossível! Ele andou em Oxford.

JOHN — Parece-me que não pode haver dúvida alguma a esse respeito. Esta tarde, durante a minha ausência temporária em Londres, por uma importante questão de romance, ele conseguiu penetrar em minha casa sob o falso pretexto de ser meu irmão. Com um nome fictício, bebeu, acabo de saber pelo meu mordomo, uma garrafa inteira do meu Petrier-Jouet, Brut, 1889, um vinho que eu reservava especialmente para mim. Continuando o seu ignóbil embuste conseguiu, no decorrer da tarde, apropriar-se do affecto da minha única pupila. Ficou para o chá e devorou-me os sonhos todos. E o que torna ainda mais condenável o seu procedimento é que ele sabia perfeitamente que eu não tenho irmão nenhum, que nunca tive, nem tenciono ter nenhum irmão de espécie nenhuma, disse-lho eu claramente ontem à tarde.

LADY BRACKNELL (*tosse*) — Ahem! Sr. Worthing, após cuidadosa ponderação, decidi fechar os olhos ao procedimento do meu sobrinho para com o senhor.

JOHN — Isso é muito generoso da sua parte, Lady Bracknell. A minha decisão, porém, é inalterável. Recuso dar o meu consentimento.

LADY BRACKNELL (*para Cecily*) — Venha cá, querida filha. (*Cecily chega-se para ela.*) Que idade tem?

CECILY — Bem, tenho realmente só dezoito mas digo sempre que tenho vinte quando vou a bailes.

LADY BRACKNELL — Tem toda a razão em fazer uma ligeira alteração. Efectivamente, nenhuma mulher deve ser muito rigorosa a respeito da idade. Dá uma impressão tão calculista... (*De um modo meditativo.*) Dezoito, mas indo até vinte nos bailes. Bem, não falta muito para chegar à maioridade e ficar livre das restrições da tutela. Por isso, não me parece que o consentimento do seu tutor tenha, afinal, alguma importância.

JOHN — Peço perdão, Lady Bracknell, por a interromper de novo, mas devo dizer-lhe que, nos termos do testamento de seu avô, Miss Cardew só se considerará legalmente maior quando fizer trinta e cinco anos.

LADY BRACKNELL — Isso não me parece ser um grave obstáculo. Trinta e cinco anos é uma idade muito atraente. A sociedade de Londres está cheia de mulheres da mais alta estirpe que, por sua livre escolha, permanecem há anos nos trinta e cinco. Lady Dumbleton é disso um exemplo: tem trinta e cinco anos desde que fez quarenta, o que já lá vai há muito. Não vejo razão para a nossa querida Cecily não ser ainda mais atraente, na idade que o senhor diz, do que é presentemente. Haverá uma grande acumulação de capital.

CECILY — Algy. podia esperar por mim até eu fazer trinta e cinco anos?

ALGERNON — Claro que podia, Cecily. Sabe que sim.

CECILY — Sim, sentia-o instintivamente, mas eu é que não podia esperar tanto tempo. Detesto esperar por alguém, cinco minutos só que seja. Aborrece-me imenso. Bem sei que não sou pontual, mas gosto da pontualidade nos outros, e esperar, ainda que seja para casar, por nada deste mundo.

ALGERNON — Então que se há-de fazer, Cecily?

CECILY — Não sei, Sr. Moncrieff.

LADY BRACKNELL — Meu caro Sr. Worthing, como Miss Cardew afirma peremptoriamente que não pode esperar até

fazer trinta e cinco anos — afirmação que, devo dizer, me parece reveladora de uma natureza um tanto impaciente — peço-lhe a fineza de reconsiderar.

JOHN — Mas, minha cara Lady Bracknell, tem nas suas mãos a solução do caso. Desde que consinta no meu casamento com a Gwendolen, com o maior prazer anuirei ao consórcio do seu sobrinho com a minha pupila.

LADY BRACKNELL (*levantando-se e compondo-se*) — O senhor deve saber muito bem que o que propõe é absolutamente impossível.

JOHN — Então não nos resta mais nada do que um apaixonado do celibato.

LADY BRACKNELL. — Não é esse o destino que eu pretendo para a Gwendolen. O Algernon, é claro, pode escolher por si. (*Puxa do relógio.*) Vamos, querida. (*Gwendolen levanta-se.*) Já perdemos cinco, se não seis comboios. Perder outro seria expor-mo-nos a comentários na estação. (*Entra o Dr. Chasuble.*)

CHASUBLE — Está tudo pronto para os baptizados.

LADY BRACKNELL — Os baptizados, senhor! Não será um pouco prematuro?

CHASUBLE (*bastante intrigado e apontando para John e Algernon*) — Ambos os cavalheiros manifestaram o desejo de serem imediatamente baptizados.

LADY BRACKNELL — Na sua idade? A ideia é grotesca e irreligiosa! Algernon, proíbo-te que te baptizes. Não quero ouvir falar de tais excessos. Lord Bracknell ficaria altamente desgostoso se soubesse que era assim que tu desperdiçavas o tempo e o dinheiro.

CHASUBLE — Devo então concluir que não se fazem os baptizados?

JOHN — Parece-me que, no ponto em que estão as coisas, o baptismo não teria grande valor prático para nenhum de nós, Doutor Chasuble.

CHASUBLE — Magoa-me muito ouvi-lo exprimir tais sentimentos, Senhor Worthing. Têm o traço característico das ideias

heréticas dos Anabaptistas, ideias que eu cabalmente refutei em quatro dos meus sermões inéditos. Todavia, como essa sua atitude parece ser peculiarmente secular, volto já para a igreja. Recebi agora o recado de que Miss Prism está lá à minha espera há hora e meia.

LADY BRACKNELL (*estremecendo*) — Miss Prism! Falou em Miss Prism?

CHASUBLE — Falei, sim, Lady Bracknell, vou ter com ela.

LADY BRACKNELL — Faça favor, permita-me demorá-lo um momento. Pode ser de importância vital para Lord Bracknell e para mim. Essa Miss Prism é uma mulher de aspecto repulente, remotamente ligada ao ensino?

CHASUBLE (*com certa indignação*) — É a mais culta das senhoras e a respeitabilidade personificada.

LADY BRACKNELL — É evidentemente a mesma pessoa. Permite-me que lhe pergunte qual é a situação dela em sua casa?

CHASUBLE (*rispidamente*) — Sou solteiro, minha senhora.

JOHN (*intervindo*) — Miss Prism, Lady Bracknell, é há três anos a competente preceptora e prezada dama de companhia de Miss Cardew.

LADY BRACKNELL — Apesar do que ouço dizer dela, preciso de a ver imediatamente. Mandem chamá-la.

CHASUBLE (*olhando para fora*) — Aí vem ela já está aqui perto. (*Entra Miss Prism apressada.*)

MISS PRISM — Disseram-me, caro cónego, que me esperava na sacristia. Esperei-o lá uma hora e três quartos. (*Dá com os olhos em Lady Bracknell que a fita com um olhar pétreo.*) Miss Prism empalidece e, muito enfiada, olha em volta, como que cheia de medo e ansiosa por fugir.)

LADY BRACKNELL (*com uma voz ríspida, intimativa*) — Prism! (*Miss Prism baixa a cabeça, de vergonha.*) Venha cá, Prism! (*Miss Prism aproxima-se muito humildemente.*) Prism! Onde está aquela criança? (*Consternação geral. O cónego recua, horrorizado. Algernon e John fazem menção de quererem*

impedir Cecily e Gwendolen de ouvirem os pormenores de um terrível escândalo.) Há vinte e oito anos, Prism saiu de casa de Lord Bracknell, Upper Grosvenor Street, número cento e quatro, levando um carrinho e um menino dentro. Nunca mais voltou. Algumas semanas depois, devido a aturadas investigações da polícia, foi descoberto o carrinho, à meia-noite, abandonado num recanto remoto de Bayswater. Continha o manuscrito de um romance, em três volumes, de um sentimentalismo mais do que revoltante. (*Miss Prism estremece de involuntária indignação.*) A criança, porém, é que não apareceu! (*Olham todos para Miss Prism.*) Prism! Onde está esse menino? (*Uma pausa.*)

MISS PRISM — Lady Bracknell, confesso com vergonha que não sei. Quem me dera sabê-lo! O caso passou-se assim: na manhã desse dia, dia para sempre gravado na minha memória, preparei-me, como de costume, para levar o menino a passear no carrinho. Tinha também comigo uma mala de mão, um pouco velha mas espaçosa, em que tencionava pôr o manuscrito de uma obra de ficção que eu escrevera durante as minhas horas vagas. Num momento de abstracção mental, de que não me posso perdoar, pousei o manuscrito no carro e meti o menino na mala.

JOHN (*que tem estado a escutar atentamente*) — Mas onde pôs a mala?

MISS PRISM — Não me pergunte, Senhor Worthing.

JOHN — Miss Prism, é um assunto da máxima importância para mim. Insisto em saber onde pôs a mala que continha a criança.

MISS PRISM — Deixei-a no vestiário de uma das maiores estações de Londres.

JOHN — Que estação?

MISS PRISM (*sucumbida, esmagada*) — Victoria. A linha Brighton. (*Deixa-se cair numa cadeira.*)

JOHN — Tenho de ir num instante ao meu quarto. Gwendolen, espere aqui por mim.

GWENDOLEN — Se não se demorar muito, esperarei aqui por si toda a minha vida. (*Sai John, muito excitado.*)

CHASUBLE — Que lhe parece significar isto, Lady Bracknell? LADY BRACKNELL — Nem sequer ousou suspeitar, Doutor Chasuble. Quase escuso de lhe dizer que em famílias de alta posição não se supõe que ocorram estranhas coincidências. Consideram-se impróprias. (*Ruídos no andar superior, como se andassem a remover malas e a atirá-las ao chão. Todos olham para o tecto.*)

CECILY — O tio John parece estranhamente agitado.

CHASUBLE — O seu tutor é de uma natureza muito emotiva.

LADY BRACKNELL — Este barulho é extremamente desagradável. Parece que ele está a ter uma discussão com a mobília. Detesto toda a espécie de discussões. São sempre vulgares, e muitas vezes convincentes.

CHASUBLE (*olhando para o tecto*) — Parou agora. (*O barulho redobra.*)

LADY BRACKNELL — Quem me dera que ele chegue a alguma conclusão!

GWENDOLEN — Esta expectativa é terrível. Espero que dure. (*Entra John com uma maleta de cabedal preto na mão.*)

JOHN (*correndo para Miss Prism*) — É esta a mala, Miss Prism? Examine-a cuidadosamente antes de falar. Da sua resposta depende a felicidade de mais de uma vida.

MISS PRISM (*serenamente*) — Parece ser a minha. Sim, aqui está a esmuradela de um encontro que apañou num ónibus na Rua Gower, em tempos mais felizes que já lá vão há muito. Aqui está a nódoa no forro causada por ter rebentado um frasco de uma bebida de temperança, um incidente ocorrido em Lemington. E aqui na fechadura, estão as minhas iniciais. Tinha-me já esquecido de que as tinha posto aqui. A mala é indubitavelmente a minha. Estou contentíssima por a encontrar de um modo tão inesperado. Tem-me feito imensa falta estes anos todos.

JOHN (*com uma voz patética*) — Miss Prism, não é só a sua mala que encontrou. O menino que ia nela era eu.

MISS PRISM (*estupefacta*) — O senhor?

JOHN (*abraçando-a*) — Sim... mãe!

MISS PRISM (*recuando, indignada e espantada*) — Senhor Worthing! Eu sou solteira!

JOHN — Solteira! Não nego que seja um sério golpe. Mas, afinal de contas, quem tem o direito de atirar uma pedra a quem sofreu? Não pode o arrependimento remir um acto de loucura? Porque é que há-de haver uma lei para os homens e outra para as mulheres? Mãe, eu perdoe-lhe! (*Tenta abraçá-la de novo.*)

MISS PRISM (*ainda mais indignada*) — Senhor Worthing, há algum equívoco. (*Apointando para Lady Bracknell.*) Ali está a senhora que pode dizer quem o senhor é realmente.

JOHN (*após uma pausa*) — Lady Bracknell, não gosto de maçar com perguntas, mas quer ter a bondade de me dizer quem eu sou?

LADY BRACKNELL — Receio que o que tenho a dizer-lhe não lhe agrade inteiramente. O senhor é filho de minha pobre irmã, Mrs. Moncrieff e, por conseguinte, irmão mais velho do Algernon.

JOHN — Irmão mais velho do Algy! Então sempre tenho um irmão! Eu bem sabia que tinha um irmão! Sempre disse que tinha um irmão! Cecily — como pudeste duvidar que eu tinha um irmão? (*Agarra Algernon.*) Doutor Chasuble, o meu infeliz irmão. Miss Prism, o meu infeliz irmão. Gwendolen, o meu infeliz irmão. Algy, meu patife, daqui para diante tens de me tratar com mais respeito. Em toda a tua vida nunca procedeste para comigo como irmão.

ALGERNON — Bem, até aqui, não, meu velho, confesso. Contudo, fiz o que pude, apesar da minha falta de prática. (*Aperta a mão a John.*)

GWENDOLEN (*para John*) — Meu!... Mas... meu quê? Qual é, afinal, o seu nome de baptismo, depois de tudo isto?

JOHN — Deus do céu!... Tinha-me esquecido já completamente disso. A sua decisão a esse respeito é, então, irrevogável!

GWENDOLEN — Eu nunca mudo, excepto nas minhas afeições.

CECILY — Que nobre natureza a sua, Gwendolen!

JOHN — Então o melhor era pôr tudo já em pratos limpos. Tia Augusta, um momento. Quando Miss Prism me deixou na mala, eu já estava baptizado?

LADY BRACKNELL — Todos os luxos que o dinheiro pode comprar, incluindo o baptismo, tinham-te sido prodigalizados por teus extremos pais.

JOHN — Então fui baptizado! É ponto assente. Agora, que nome me puseram? Estou preparado para o pior.

LADY BRACKNELL — Como eras o filho primogénito, puseram-te naturalmente o nome de teu pai.

JOHN (*irritadamente*) — Sim, mas como se chamava meu pai?

LADY BRACKNELL (*meditativamente*) — Não posso agora recordar-me do nome de baptismo do general. Mas não tenho dúvida de que o tinha. Era um homem excêntrico, admito. Mas somen-te nos últimos anos. E isso eram consequências do clima da Índia, do casamento, da indigestão e de outras coisas desse género.

JOHN — Algy! Não te lembras do nome de baptismo do nosso pai?

ALGERNON — Meu caro, nós nem sequer chegámos a falar. Ele morreu ainda eu não tinha um ano.

JOHN — O nome dele devia vir nos anuários do exército dessa época, não é verdade tia Augusta?

LADY BRACKNELL — O general era essencialmente um homem de paz, excepto na sua vida doméstica. Mas não tenho dúvida de que o seu nome figurava nos anuários do exército.

JOHN — Estão aqui os anuários militares dos últimos quarenta anos. Estes deliciosos registos deviam ter sido o meu estudo constante. (*Corre à estante e arranca os livros.*) Generais... Mallan, Magley, que tétricos nomes eles têm!... Markby, Mobbs, Moncrieff! Tenente em mil oitocentos e quarenta, capitão, tenente-coronel, coronel, general em mil oitocentos e ses-

sentia e nove, nomes de baptismo, Earnest John. (*Pousa o livro muito de mansinho e fala com toda a calma.*) Eu sempre te disse, Gwendolen, que me chamava Earnest, não disse? Bem, chamo-me Earnest, afinal de contas. Earnest, naturalmente, quero dizer.

LADY BRACKNELL — Sim, lembro-me agora de que o gené-ral era Earnest. Eu sabia que tinha alguma razão particular para não gostar do nome.

GWENDOLEN — Earnest! Meu Earnest! Senti desde o princípio que não podias ter outro nome!

JOHN — Gwendolen, é uma coisa terrível para um homem descobrir de repente que toda a sua vida não disse senão a verdade. Podes perdoar-me?

GWENDOLEN — Posso. Pois sinto que com certeza, há-de mudar.

JOHN — Minha querida!

CHASUBLE (*para Miss Prism.*) — Laetitia! (*Abraça-a.*)

MISS PRISM (*entusiasmamente*) — Frederick! Até que enfim!

ALGERNON — Cecily! (*Abraça-a.*) Até que enfim!

JOHN — Gwendolen! (*Abraça-a.*) Até que enfim!

LADY BRACKNELL — Meu sobrinho, parecez estar a dar mostras de trivialidade.

JOHN — Pelo contrário, tia Augusta, percebi agora pela primeira vez na minha vida a importância vital de Ser Earnest.

CAI O PANO

